

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

RAFAEL STEIN PIZANI

**ESPORTE MODERNO E EDUCAÇÃO
BURGUESA: imagens do caráter
esportivo no filme Carruagens de Fogo**

Campinas
2007

RAFAEL STEIN PIZANI

**ESPORTE MODERNO E EDUCAÇÃO
BURGUESA: imagens do caráter
esportivo no filme Carruagens de Fogo**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Demarchi Silva Terra

Campinas
2007

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP**

P689e Pizani, Rafael Stein.
Esporte moderno e educação burguesa: imagens do caráter esportivo no filme Carruagens de Fogo / Rafael Stein Pizani. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.

Orientador(a): Vinicius Demarchi Silva Terra.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Esporte. 2. Cinema. 3. Educação. 4.História. I. Terra, Vinicius Demarchi Silva. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

asm/fef

RAFAEL STEIN PIZANI

**ESPORTE MODERNO E EDUCAÇÃO
BURGUESA: imagens do caráter
esportivo no filme Carruagens de Fogo**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Rafael Stein Pizani aprovado pela Comissão julgadora em: 28 / 11 / 2007.

Prof. Dr. Vinícius Demarchi Silva Terra
Orientador

Profª. Drª. Carmen Lúcia Soares
Banca Examinadora

Campinas
2007

Dedico este trabalho àqueles que vêem no esporte uma possibilidade de transformação, esperando, contudo, contribuir com suas reflexões acerca deste fenômeno.

Agradecimentos

A Deus, por tudo que tem me proporcionado ao longo de minha vida e, principalmente, por esta grande oportunidade.

Aos meus pais, Uslei e Nilza, os “culpados” pelo que sou hoje, por sempre acreditarem em mim, proporcionando -me sempre o melhor.

Ao meu irmão Rodrigo, assim como a meus avós Alcides, Geni, Pedro e Ondina, que sempre torceram por mim.

Aos amigos:

- Ana Cristina, pela amizade sincera, pelo carinho, pelas conversas e conselhos, pelos momentos de reflexão e descontração, pela parceria acadêmica ao longo destes quatro anos de graduação e por toda a contribuição neste trabalho que também é um pouco seu;
- Tiago, pela amizade sincera, pelas conversas e conselhos, pelos momentos de reflexão e descontração, pelas experiências de estágio compartilhadas e também pela parceria acadêmica;
- Diego, pela força e pela amizade, não só durante esse período de universidade, mas pelo tempo que nos conhecemos, no qual construímos essa relação quase fraternal, afinal, amigo é um irmão que a gente escolhe;
- Mateus (Pink), Paulo Cezar (Pintor), pela força, pela parceria acadêmica, pelos momentos de reflexão e descontração.

Ao meu orientador, professor Vinícius Demarchi Silva Terra, por me despertar a paixão pelo esporte. Agradeço também pela orientação e, mais que isso, pelos ensinamentos e pela amizade que muito me fez crescer durante esse período de convivência curto, mas muito proveitoso.

À professora Carmen Lúcia Soares, pelo carinho e atenção que sempre dispensou para comigo, bem como por ter aceito o convite para participar da banca, fazendo uma leitura atenta e cuidadosa de meu texto.

Seria mais fácil fazer como todo mundo faz,
o caminho mais curto, produto que rende mais.
Seria mais fácil fazer como todo mundo faz,
um tiro certo, modelo que vende mais.

Mas nós dançamos no silêncio,
choramos no carnaval.
Não vemos graça nas gracinhas da TV,
morremos de rir no horário eleitoral.

Seria mais fácil fazer como o todo mundo faz,
sem sair do sofá, deixar a Ferrari pra trás.
Seria mais fácil, como todo mundo faz,
o milésimo gol sentado na mesa de um bar.

Mas nós vibramos em outra frequência,
sabemos que não é bem assim.
Se fosse fácil achar o caminho das pedras,
tantas pedras no caminho não seria ruim.

(Outras Frequências - Engenheiros do Hawaii).

“Quando um texto nasce, já cumpriu sua principal função, harmonizar a alma de quem o criou”.

(Perboyre Sampaio).

PIZANI, Rafael Stein. **Esporte moderno e educação burguesa** : imagens do caráter esportivo no filme Carruagens de Fogo. 2007. 77f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RESUMO

Este trabalho discute as origens do esporte moderno como projeto educativo de formação e cultivo do caráter do indivíduo burguês. Conduzidos por uma análise do filme Carruagens de Fogo, faremos uma discussão histórica acerca da instituição esportiva, suas origens e características, bem como suas influências na educação burguesa do começo do século XX, a qual nos servirá de base para a análise e discussão do filme, ou seja, das imagens e memórias do caráter esportivo nele presentes. Nesta análise, abordaremos três personagens, utilizando diálogos, situações e características significativas destes com o intuito de proporcionar uma discussão mais aprofundada sobre o caráter esportivo por eles assumido ao longo do filme, fazendo-nos refletir, portanto, sobre a apropriação e o uso do esporte e sua relação com a educação burguesa.

Palavras chave: Esporte moderno; Cinema; Educação; História.

PIZANI, Rafael Stein. **Modern sport and bourgeois education** : images of the sports character in the film Chariots of Fire. 2007. 77f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ABSTRACT

This work argues about the origins of modern sport as an educative project of formation and cultivation of the character of the individual bourgeois. Led by an analysis of the film Chariots of Fire, we will make a historical debate concerning the sports institution, its origins and characteristics, as well as its influences in the bourgeois education, which will support further analysis of the film, concerning its the images and memories of the sports character. In this text, we will approach three characters of the film, using their dialogues, significant situations and characteristics with intention of providing a deepened debate on the sports character assumed by them throughout the story, bringing us to a reflexion on the appropriation and use of the sport and its relation with the bourgeois education.

Keywords: Modern sport; Cinema; Education; History.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	- Eric Liddell.....	36
Imagem 2	- Liddell falando algumas palavras após evento na Escócia.....	36
Imagem 3	- Liddell conversando com seu pai e seu irmão.....	37
Imagem 4	- Liddell discursando após uma corrida.....	38
Imagem 5	- Liddell conversando com sua irmã Jennie.....	40
Imagem 6	- Liddell e sua irmã Jennie em campo aberto.....	40
Imagem 7	- Liddell em reunião com comitê olímpico inglês.....	41
Imagem 8	- Liddell, Lindsay e membros do comitê olímpico inglês.....	43
Imagem 9	- Lord Lindsay.....	47
Imagem 10	- Lindsay chega de surpresa para a corrida da faculdade.....	47
Imagem 11	- Jogo de críquete no salão de baile da universidade.....	49
Imagem 12	- Stallard, Montague e Abrahams na feira de grupos da universidade...	50
Imagem 13	- Sybil e Lindsay conversando sobre Abrahams... ..	52
Imagem 14	- Vista do terreno da casa de Lindsay.....	53
Imagem 15	- Lindsay saltando barreiras.....	54
Imagem 16	- Harold M. Abrahams.....	56
Imagem 17	- Abrahams e Montague conversando com o porteiro da universidade..	56
Imagem 18	- Abrahams ouvindo as regras da corrida da faculdade	58
Imagem 19	- Diretores da faculdade observando a corrida da janela de sua sala.....	59
Imagem 20	- Juiz dando as últimas instruções sobre a corrida.....	59
Imagem 21	- Alunos comemorando a vitória e o feito de Abrahams na corrida.....	60
Imagem 22	- Diretores conversando sobre a vitória de Abrahams na corrida.....	61
Imagem 23	- Abrahams e Montague conversando próximo à lareira.....	62
Imagem 24	- Matérias sobre Abraham publicadas no jornal.....	63
Imagem 25	- Abrahams e Sybil jantando.....	64
Imagem 26	- Abrahams conversando com os diretores da faculdade.....	66

SUMÁRIO

Apresentação	11
1. Introdução	13
2. Aproximação do filme	16
3. Cultivo do caráter na modernidade: o esporte e a ginástica	18
4. Origem e características do esporte	25
4.1. Características do esporte	26
5. A educação burguesa e a formação do caráter esportivo	30
6. Imagens do caráter: os homens esportivos no filme	34
6.1. Eric Liddell.....	36
6.2. Lord Lindsay.....	47
6.3. Harold M. Abrahams.....	56
7. “Os Carruagens de Fogo”	71
8. Referências Bibliográficas	75

Apresentação

Com 17, quase 18 anos, me vi diante de um grande dilema, pois tinha uma grande tarefa pela frente: escolher o curso que faria no ensino superior. Muitas eram as dúvidas e acabei por escolher o curso de Educação Física, o qual estou terminando neste momento. Foram quatro anos desde meus primeiros passos na universidade. Era tudo muito novo, ao mesmo tempo fascinante e assustador.

Hoje, aos 21, quase 22 anos, estou me formando em um dos melhores cursos de Educação Física e em uma das melhores Universidades do país, privilégio de poucos e que agradeço todos os dias por esta oportunidade que muitos gostariam de ter.

Porém, quatro anos se passaram e hoje cabe a mim a tarefa de escrever um texto, fazer um trabalho. No entanto, não é um simples trabalho, mas um trabalho que, com toda certeza, deixará à mostra minhas opções, meus referenciais teóricos e minha visão da Educação Física, todos adquiridos e construídos ao longo desses quatro anos.

Durante minha graduação, desenvolvi atividades dentro das diversas áreas que meu curso me permitiu atuar, porém durante essa caminhada me envolvi de maneira singular com a área das ciências humanas, passando a pesquisar com mais entusiasmo o esporte e o lazer, de modo a participar de grupos de estudo e desenvolver alguns trabalhos nesta área.

Hoje, terminando o curso, creio que minha concepção de Educação Física, ao longo desse tempo, muito se modificou, passando de uma compreensão do senso comum, se assim podemos dizer, para uma concepção acadêmica e que ainda está inacabada (se é que seja possível se esgotar o conhecimento sobre algum assunto).

No entanto, responder o que é a Educação Física talvez fosse tarefa mais fácil no primeiro ano. Agora, a cada dia que se passa, mais complexa torna-se a tarefa de elaborar um conceito. Porém, entendo a Educação Física atualmente como uma área de intervenção, a qual faz uso das ciências “mães” para compor seu campo de conhecimento e assim produzir conhecimentos dentro de sua própria área de

atuação, uma vez que recria e ressignifica os conteúdos dos quais se apropria, contribuindo também para as áreas das quais se utiliza na construção de seu próprio conhecimento.

Mas, mesmo depois de tanto crescimento, ao final do curso e prestes a começar mais uma jornada, as dúvidas continuam, já não iguais às aquelas de quatro anos atrás, porém alguns questionamentos são inevitáveis em minha cabeça. O que farei agora, depois de formado? Serei um bom professor? Superarei as expectativas daqueles que muito esperam de mim? Ou ainda daqueles que nada esperam? Quais os valores estão presentes na Educação Física? Quais destes valores eu a prendi e quais conseguirei passar aos meus alunos? Eles aprenderão? Conseguirei retornar à sociedade tudo aquilo que obtive dentro de uma Universidade Pública?

Essas questões talvez não tenham uma resposta, mas o fato é que as dúvidas continuam, aliás, aumentam a cada momento e temos que aprender a lidar com elas e compreender que são importantes e nos fazem crescer. Dúvidas? Sempre! São elas que nos fazem ir atrás daquilo que queremos saber e promovem, portanto, um constante crescimento.

Por fim, outra “coisa” muito importante, que também me ajuda a pensar nestas questões e a superar muitas delas. Esta “coisa” são os amigos e as relações que construímos na Universidade, nos momentos de reflexão e também de descontração. Por sinal, foi em um desses momentos que uma frase que trás consigo todo um referencial e a qual foi criada numa manhã inspirada (num daqueles momentos de reflexão e descontração que deixarão muita saudade) por mim e meus dois grandes amigos de graduação, Ana Cristina Cezar Vilhena e Tiago Henrique Mendes, que diz: “A diferença é a essência do humano!”. Desde então, esta frase muito nos inspira e nos auxilia a enfrentar e a superar diversos obstáculos, pois nos mostra a importância da diferença e, juntamente com as dúvidas, o crescimento que podemos ter diante da diversidade e das relações de troca que são possíveis entre os seres humanos e que todo professor, seja de Educação Física ou não, deve considerar no seu cotidiano.

1. Introdução

O esporte é objeto de estudo de pesquisadores da Educação Física como também de diversas outras áreas do conhecimento, sobretudo das ciências humanas, sendo abordado de diversas maneiras e sob a ótica de muitos referenciais teóricos.

Várias hipóteses foram levantadas quanto à sua gênese, dentre estas: o esporte como jogo institucionalizado (HUIZINGA, 1993); como culto ritualizado, na forma de canalizar o comportamento agressivo para uma atividade socialmente aceitável (DUNNING, ELIAS, 1992); como identificação com um coletivo, satisfazendo uma necessidade de pertencimento social (HOBBSAWM, 1988); ou ainda como ocupação do tempo livre que surge com a delimitação clara entre tempo de trabalho e de não trabalho (BRACHT, 2005), configurando uma íntima relação com o lazer.

Acreditamos que seja difícil tratar o esporte através de apenas um viés, uma vez que este é um fenômeno complexo, o qual exige compreensão além de sua gênese, compreendendo também a sociedade em que está inserido e os seus propósitos como instituição.

A iniciativa desse trabalho vem como forma de responder a inquietações que surgiram durante meu curso de graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas, inquietações decorrentes, principalmente, de alguns trabalhos realizados na disciplina MH103 - História da Educação Física e Esportes do Brasil, a qual cursei no segundo semestre de 2005.

Dentre os trabalhos realizados nesta disciplina, está um que se propunha a fazer uma discussão sobre os jogos olímpicos e a formação educacional e política da burguesia inglesa a partir de uma leitura do historiador inglês Eric J. Hobsbawm e do filme “Carruagens de Fogo” (*Chariots of Fire*), surgindo a partir de então, juntamente com a realização de outros trabalhos, uma paixão pelo estudo do esporte enquanto fenômeno da modernidade e muitas inquietações sobre o mesmo, das quais uma delas tentarei resolver com este texto.

Sendo assim, este trabalho terá um viés histórico, entendendo a História, assim como Marc Bloch, como a “ciência dos homens no tempo”, não

estudando apenas o passado, como se este não possuísse ligação alguma com o presente ou ainda, como se houvesse uma linha ou uma espécie de marcação que determinasse o término de um e o começo do outro, mas sim partindo de um problema, uma inquietação presente e recorrendo ao passado para entendê-la, ou seja, estudar o passado para compreender o presente e, se possível, mudar o futuro.

Para uma abordagem histórica, o esporte seria revelado nos seus momentos de transformação, vinculados às mudanças sociais. Ao tomar um formato moderno, a partir do fim do século XIX, as práticas corporais transformaram-se e revelaram-se de outra forma, a partir das suas novas características e de outras esquecidas, de seus novos sentidos e dos sentidos da sociedade na qual estavam inseridas, delimitando um fenômeno tipicamente moderno, o esporte.

No entanto, estas transformações não são passadas despercebidas pela sociedade. Nós também narramos estas transformações para as gerações futuras, como se contássemos histórias. Numa sociedade de massa, o cinema é uma destas formas de se contar as histórias: digamos, pois, que o cinema é um poderoso produtor de memórias e estas memórias são carregadas de idéias, ideologias, tomadas de posição política dos autores que as criam. Ao analisarmos um filme, não queremos saber como o esporte era verdadeiramente. Menos pretenciosa, a pesquisa quer analisar como a história da modernização do esporte é contada dentro de um dos mais poderosos meios de difusão de histórias do mundo atual – o cinema.

Este trabalho, portanto, tem por objetivo, a partir da análise do filme *Carruagens de Fogo* como um produto da sociedade contemporânea, que veicula memórias sobre a origem do esporte e suas relações com a educação burguesa, tecer uma discussão acerca das origens do esporte moderno como projeto pedagógico e educativo, e importante meio utilizado para a formação e cultivo do caráter do indivíduo burguês.

Para esta tarefa, nos propusemos a fazer uma pesquisa bibliográfica, recorrendo a autores que propõem uma discussão sobre o esporte e a ginástica, como também a utilização de um tipo diferenciado de mídia, o cinema, a partir do filme *Carruagens de Fogo*, por acreditarmos que este é mais uma possibilidade de fonte na pesquisa histórica, nos levando a uma interessante discussão sobre esporte ao

apresentar diferentes elementos sobre este fenômeno e uma vez que concordamos com Almeida (2001, p.8) ao dizer

[...] que nós mesmos, em parte, e uma maioria, totalmente, estamos formando nossa inteligibilidade do mundo a partir das imagens e sons das produções do cinema e da televisão. [Sendo assim] [...] é importante não ver o cinema [apenas] como recurso didático ou ilustrativo, mas vê-lo como objeto cultural, uma visão de mundo de diferentes diretores e que tem uma linguagem que performa uma inteligência verbal e, ao mesmo tempo, uma linguagem diferente da linguagem verbal.

No primeiro capítulo faremos uma aproximação do leitor com o filme, ou seja, uma pequena introdução acerca do que se trata a obra, sua história e simbologia, com o intuito de proporcionar ao leitor uma idéia inicial de como será nossa abordagem e como trataremos a mesma ao longo de nossa análise.

No segundo capítulo abordaremos o esporte e a ginástica como fenômenos modernos e resultantes das diversas e significativas mudanças ocorridas na Europa, principalmente a partir do século XVIII com as revoluções, Industrial e Francesa e suas funções no projeto político-pedagógico de construção de um “novo homem moderno”.

O terceiro capítulo, intitulado “Origens e características do esporte”, abordará a origem propriamente dita do esporte moderno e as características adquiridas pelo mesmo neste período.

A partir deste ponto entramos numa discussão sobre o esporte, juntamente com a educação e o estilo de vida burguês, como fator de pertencimento social e sua utilização na complementação da educação burguesa. Logo após, partimos para o ponto principal do trabalho, no qual faremos uma pequena discussão sobre o caráter, entrando definitivamente na análise do filme e de seus personagens, discorrendo sobre as diferentes apropriações do esporte e a formação do caráter de cada um deles.

Por fim, traçamos algumas considerações acerca do exposto sobre a obra, o esporte e a formação do caráter, bem como nos colocamos alguns novos questionamentos surgidos a partir deste trabalho.

2. Aproximação do filme.

O trecho abaixo foi retirado da introdução de um livro chamado “Esculpir o tempo”, escrito pelo cineasta russo Andrei Tarkovski e retrata uma carta que lhe foi enviada por uma mulher e a qual lhe fora escrita pela filha.

[...] Quantas palavras uma pessoa conhece?”, pergunta ela à mãe. “Quantas ela usa na sua linguagem cotidiana? Cem, duzentas, trezentas? Envolvermos os nossos sentimentos em palavras e tentamos expressar através delas a tristeza e a alegria e todo tipo de emoções, exatamente aquelas coisas que, na verdade, são impossíveis de expressar. Romeu disse belas palavras a Julieta, palavras vivas e expressivas, mas elas certamente não disseram nem a metade daquilo que dava a Romeu a sensação de que o coração ia saltar-lhe do peito, que lhe prendia a respiração, e que levava Julieta a esquecer-se de tudo, exceto do seu amor.

Existe um outro tipo de linguagem, uma outra forma de comunicação: a comunicação através de sentimentos e imagens. Trata-se do contato que impede as pessoas de se tornarem incomunicáveis e que põe por terra as barreiras. Vontade, sentimento, emoção – eis que elimina os obstáculos entre pessoas que, de outra forma, encontrar-se-iam nos lados opostos de um espelho, nos lados opostos de uma porta. ... A tela se amplia, e o mundo, que antes se encontrava separado de nós, passa a fazer parte de nós, tornando-se uma coisa real... (TARKOVSKI, 1998, pp.8-9).

Tomei a liberdade de transcrever este trecho, pois ao lê-lo me identifiquei quase que de imediato com os sentimentos demonstrados pela autora da carta. O exato sentimento de que, por meio das palavras, seria impossível expressar o que o filme *Carruagens de Fogo*¹ me passa sobre o esporte. O sentimento de que existe outra forma de comunicação que é capaz de nos tocar e que dá conta de abarcar uma enorme quantidade de sentimentos e sensações, como também (e por que não?!) questionamentos e reflexões, à medida que consiga expressar com tal magnitude uma situação, uma história ou ainda, um fenômeno como o esporte moderno.

Se me pedissem para fazer uma sinopse ou ainda um resumo sobre o que trata o filme *Carruagens de Fogo*, diria que este retrata a história de dois corredores britânicos que vivem conflitos frente à modernização do esporte.

¹ Produzido em 1981 com o título original de *Chariots of Fire*, estrelado por Ben Cross, Ian Charleson e Nigel Haver, e dirigido por Hugh Hudson, *Carruagens de Fogo* foi o ganhador de 4 Oscars: melhor filme, roteiro, música e figurino. Foi também o filme que consagrou e imortalizou a trilha sonora de Vangelis, na qual a música tema do filme, intitulada *Chariots of Fire*, virou tema de maratonas e diversos eventos esportivos.

Um destes é Harold M. Abrahams, um estudante judeu que corre para se provar e escapar dos preconceitos colocados pela sociedade burguesa e o outro chamado Eric Liddell, um missionário devoto que corre em nome de Deus. Há também neste contexto outros personagens que, embora coadjuvantes, nos chamam a atenção por suas condutas e influências na história dos demais personagens e, portanto, no enredo do filme. Este é o caso de Lord Lindsay, um estudante inglês e membro da nobreza, o qual corre somente por diversão. Não podemos esquecer ainda que estes personagens representam os integrantes da equipe britânica que conseguiu, na realidade, uma das maiores vitórias do esporte moderno, nas olimpíadas de 1924, realizadas em Paris, França, retratadas no filme.

Porém, esta seria uma visão muito reduzida do enredo e de toda a simbologia que podemos encontrar neste filme. Carruagens de Fogo, por meio de seus personagens, nos mostra como a burguesia se delimita como classe social a partir das transformações ocorridas na Europa desde o século XVIII juntamente com o advento da vida moderna, instaurado pelos processos de industrialização e urbanização, assim como o esporte, dentro deste contexto, surgindo como instituição moderna e, juntamente com a educação, tornando-se mais um meio de legitimação social e de distinção de classes.

O filme, portanto, caracteriza muito bem a época correspondente e todas as transformações que estavam ocorrendo no período, em destaque as proporcionadas/acompanhadas pelo esporte moderno e as próprias transformações dentro do esporte em si, levando-nos a pensar sobre a Inglaterra do início do século XX e, principalmente, a uma reflexão sobre o esporte moderno e a formação do caráter por meio deste, uma vez que é utilizado por seus personagens, cada um de uma maneira diferente (questão que discutiremos mais adiante), para atingir diferentes fins.

Claro que esta é uma apenas uma visão, um ponto de vista que uma obra como esta pode nos oferecer. Cada pessoa, a cada vez que o assistir encontrará algo diferente, levando-a a experimentar emoções e sentimentos também diferentes, ou ainda novos questionamentos e reflexões. Espero, com este texto, resolver algumas inquietações que me surgiram ao assistir ao filme, as quais surgiram combinadas com outras experiências por mim vivenciadas. Será um ponto de vista. Apenas um de muitos que poderiam ser abordados.

3. Cultivo do caráter na modernidade: a ginástica e o esporte.

Mas não seria exagerado considerarmos esta dupla revolução – a francesa, bem mais política, e a industrial (inglesa) – não tanto como uma coisa que pertença à história dos países que foram seus principais suportes e símbolos, mas sim como a cratera gêmea de um vulcão regional bem maior. (HOBSBAWN, 1989, p.18).

Segundo Langlade, Langlade (1970), as atividades físicas são manifestações que acompanham o homem desde sua aparição sobre a terra. Através de um quadro explicativo (colocado a seguir) os autores tentam sintetizar os objetivos dos exercícios através dos tempos.

Objetivo dos Exercícios Físicos Através dos Tempos		
Circunstâncias		Objetivos
Pre-História		<ul style="list-style-type: none"> • Sobrevivência • Defesa pessoal e do grupo
Antiguidade	<ul style="list-style-type: none"> • Guerra • Jogos • Jogos de azar • Jogos de habilidade • Jogos de força • Jogos de velocidade • Jogos de resistência • Jogos de equilíbrio • Jogos de coordenação • Jogos de ritmo • Jogos de dança • Jogos de música • Jogos de teatro • Jogos de cinema • Jogos de televisão • Jogos de rádio • Jogos de jornal • Jogos de revista • Jogos de livro • Jogos de jornal • Jogos de revista • Jogos de livro 	<ul style="list-style-type: none"> • Sobrevivência • Defesa pessoal e do grupo • Jogos de habilidade • Jogos de força • Jogos de velocidade • Jogos de resistência • Jogos de equilíbrio • Jogos de coordenação • Jogos de ritmo • Jogos de dança • Jogos de música • Jogos de teatro • Jogos de cinema • Jogos de televisão • Jogos de rádio • Jogos de jornal • Jogos de revista • Jogos de livro
Renascimento	<ul style="list-style-type: none"> • Feudalismo 	<ul style="list-style-type: none"> • Sobrevivência • Defesa pessoal e do grupo • Jogos de habilidade • Jogos de força • Jogos de velocidade • Jogos de resistência • Jogos de equilíbrio • Jogos de coordenação • Jogos de ritmo • Jogos de dança • Jogos de música • Jogos de teatro • Jogos de cinema • Jogos de televisão • Jogos de rádio • Jogos de jornal • Jogos de revista • Jogos de livro
Idade Média	<ul style="list-style-type: none"> • Humanismo 	<ul style="list-style-type: none"> • Sobrevivência • Defesa pessoal e do grupo • Jogos de habilidade • Jogos de força • Jogos de velocidade • Jogos de resistência • Jogos de equilíbrio • Jogos de coordenação • Jogos de ritmo • Jogos de dança • Jogos de música • Jogos de teatro • Jogos de cinema • Jogos de televisão • Jogos de rádio • Jogos de jornal • Jogos de revista • Jogos de livro
Tempos Modernos e Contemporâneos		<ul style="list-style-type: none"> • Sobrevivência • Defesa pessoal e do grupo • Jogos de habilidade • Jogos de força • Jogos de velocidade • Jogos de resistência • Jogos de equilíbrio • Jogos de coordenação • Jogos de ritmo • Jogos de dança • Jogos de música • Jogos de teatro • Jogos de cinema • Jogos de televisão • Jogos de rádio • Jogos de jornal • Jogos de revista • Jogos de livro

Quadro 1. Objetivo dos exercícios físicos através dos tempos.
Fonte: (Langlade, Langlade, 1970, p. 18, tradução nossa).

Observam-se no quadro as circunstâncias e os objetivos com que os exercícios físicos foram utilizados desde a pré-história até os tempos modernos e contemporâneos, porém um questionamento interessante a esta altura é pensarmos

como este quadro evoluiu e como se deu, para o homem, a importância do exercício através dos tempos, estando centrada esta relação especialmente em três períodos: a antiguidade clássica, apenas aquela referente à Grécia, onde o enfoque estava na formação do cidadão integral; ao Renascimento, período em que são rebuscados os ideais clássicos, especialmente os gregos; e aos tempos modernos e contemporâneos, os quais têm muitas influências destes dois períodos anteriores. Os demais períodos, em relação à prática de exercícios físicos, geralmente não são discutidos nos estudos históricos do tema, por se tratarem de momentos “obscuros” quanto à existência e disponibilidade de relatos e outros tipos de registros.

No entanto, o período que nos interessa neste momento é o que trata dos tempos modernos e contemporâneos, mais especificamente o período moderno, no qual ocorrem significativas mudanças na sociedade, as quais vão influenciar de maneira singular a prática de exercícios físicos, bem como suas circunstâncias e seus objetivos, levando ao desenvolvimento de meios para a educação da sociedade e manutenção de uma ordem moderna: o esporte e a ginástica.

Porém, torna-se praticamente impossível compreender os tempos modernos sem esbarrar em duas grandes revoluções ocorridas na Europa e que foram responsáveis por mudanças singulares na sociedade como um todo, são estas a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Interessa-nos, sobretudo a segunda, uma vez que teve seu início na Inglaterra, onde futuramente iria se desenvolver o esporte moderno.

Segundo Hobsbawm (1977), imaginar o mundo moderno sem expressões como: indústria, classe média, classe trabalhadora, capitalismo, socialismo, dentre tantas outras expressões das ciências modernas, cunhadas ou adaptadas neste período, é medir a profundidade da revolução que eclodiu entre 1789 e 1848, trazendo consigo muitas transformações e constituindo-se na maior revolução da história da humanidade.

Algumas das mudanças ocorridas em virtude desse processo (as quais nos interessam neste trabalho) foram a consolidação do Estado burguês e da burguesia como classe, como também da sua oposição, o surgimento da classe operária.

É, portanto, diante desta nova ordem que se configura, que a burguesia se vê com a necessidade de manter sua hegemonia investindo na construção de um novo homem. Para isso, de acordo com Soares (2004), ela utilizará a Educação Física como “remédio” para curar os males da sociedade da época (vícios, imoralidades, etc.) integrando o discurso médico higienista, baseado em corpos anatomofisiológicos, excluindo o homem do contexto social. “A sociedade passa, então, a ser comparada ao orgânico e vista como um grande organismo vivo [...]” (SOARES, 2004, p. 9) , na qual “[...] o social é subordinado pelo orgânico.” (BERGO, 1979, p. 17 apud SOARES, 2004, p. 14).

Ameaçada de perder seus privilégios após a organização do movimento operário, a burguesia busca embasamento nos aspectos hereditários e genéticos, para então reforçar a idéia de que a miséria da classe operária era algo determinado pelos genes, pelo biológico, enfatizando assim sua hegemonia.

Sendo assim, no início do século XIX, surgem determinadas políticas de saúde que visam o controle das populações urbanas, transformando o corpo em mercadoria, o qual deveria ser cuidadosamente controlado para ser útil ao sistema capitalista, uma vez que os corpos saudáveis eram uma exigência do mundo do trabalho, do capital.

Muitos foram os mecanismos de controle das populações utilizados pela burguesia, os quais, embasados nos discursos médico -higienistas, visavam em todo o momento a saúde, a ordem e o progresso. A Educação Física tinha, a partir destes mecanismos, o papel de disciplinar os corpos e suas vontades, “fabricando” o trabalhador mais produtivo, disciplinado, moralizado e, principalmente, hábil fisicamente para o trabalho, como também o soldado, que viria ser útil à pátria.

Um dos mecanismos que passa a atuar juntamente com as políticas de saúde, fechando o cerco ao trabalhador e contribuindo para a construção do homem novo, é a instituição escolar.

Na escola, conforme Soares (2004), os exercícios físicos vão sendo embutidos gradativamente até se tornarem obrigatórios. Estes eram considerados como elementos da educação, que continuava com o caráter utilitário utilizado anteriormente pela burguesia na manutenção da ordem, pois a Educação Física estava carregada de

intenções como: regeneração racial, desenvolvimento da moralidade, fortalecimento da vontade e defesa da pátria.

Segundo Soares (2004), é a partir do começo do século XIX que a Educação Física começa a ser sistematizada em métodos e ganha foros científicos. A ginástica, considerada científica a partir de então, desempenha importantes funções na sociedade industrial, pois se mostra capaz de corrigir vícios posturais provenientes do trabalho, vinculando-se, de certa forma, à medicina. Seus exercícios passam a ser encarados de formas distintas, surgindo então os métodos ginásticos (escolas ginásticas), elaborados em quatro países: Alemanha, Suécia, França e Inglaterra.

Assumidos pelos Estados Nacionais, este movimento apresentava particularidades do país de origem, mas, de um modo geral, acentuava finalidades muito semelhantes, como, por exemplo, regenerar a raça e promover a saúde em uma sociedade marcada pelo alto índice de mortalidade e de doenças, sem contudo alterar as condições de vida e de trabalho. Em um outro plano, as finalidades completavam-se pelo desejo de desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia, sobretudo, moralizar os indivíduos e a sociedade, intervindo radicalmente em modos de ser e de viver. (SOARES, 2002, p.20).

Mesmo com suas diferenças, este movimento foi crescendo e se consolidando, porém a maior diferença deu-se na Inglaterra onde, ao contrário dos demais países, foram os jogos esportivos que se consolidaram, vindo a desenvolver, futuramente, o que entendemos por esporte moderno.

Sendo assim, a expansão do esporte inglês para o continente europeu teve suas resistências, uma vez que no século XIX, neste continente, principalmente na Alemanha, a ginástica, um movimento similar em termos organizacionais, ao movimento esportivo, estava sendo desenvolvido. Suas forças também eram a pedagogia moderna, o nacionalismo, a racionalização/cientificação e a orientação para o rendimento. Este movimento também se institucionalizou no âmbito civil, no entanto, diferentemente do esporte inglês, não havia a ênfase na competição.

A pergunta que nos cabe destacar aqui é por que o esporte se desenvolveu na Inglaterra e não nos outros países, onde foram desenvolvidos métodos ginásticos?

Acreditamos que a resposta esteja no contexto social presente na Inglaterra naquela época, envolvendo alguns fatores determinantes para o desenvolvimento de uma prática e não da outra. Alguns deles seriam:

- **Isolamento geográfico:** uma vez nesta condição, não havia preocupação excessiva com guerras e confrontos para defesa e ampliação de fronteiras, estando a Inglaterra menos ligada às questões militares que os demais países, os quais estavam com as fronteiras em permanente reconstrução;
- **Suburbanização e progressiva emancipação da mulher de classe média** (HOBSEAWM, 1988): a crescente industrialização acarretou também uma grande urbanização, aumentando a população das cidades. A burguesia, portanto, não quer mais habitar o mesmo espaço do proletariado, partindo para os subúrbios, onde construirão verdadeiras mansões e estarão longe de todas as mazelas da cidade. Com o advento dos tempos modernos e as novas tendências da sociedade, há um afrouxamento das estruturas familiares e conseqüentemente as mulheres começam a deixar suas casas para batalhar, junto aos homens, um lugar na sociedade, ainda que este seja visto com certa relutância;
- **Liberalismo econômico e político:** a necessidade de ampliar redes de negócio no intuito de expandir o capital leva a burguesia a encontrar no esporte um importante e eficiente meio para tal. Sendo assim, o esporte necessitava de uma forma de governo “democrático”, permitindo a si, segundo Proni (2002), como fruto da dinâmica sociedade moderna, reduzir as distâncias entre as classes, promover a multiplicação de contatos, a mobilidade social e a progressiva abolição das discriminações sociais. Tudo isso mesmo que de forma ilusória e atendendo apenas aos interesses das classes dominantes;
- **Berço do industrialismo:** foi na Inglaterra que se deu a Revolução Industrial, estando neste país a base do movimento que traz consigo mudanças significativas na sociedade, as quais juntamente com os fatores

mencionados acima acabaram por influenciar no desenvolvimento do esporte e não da ginástica.

Feitas tais considerações, o quadro a seguir vem como apenas uma tentativa de comparar, ainda que de forma geral, características da instituição esportiva e da instituição ginástica. Vale lembrar que, ao se tratar de dois fenômenos de extrema complexidade como o esporte e a ginástica, uma tabela não conseguiria abarcar todas as variáveis e fatores que os envolvem, mesmo porque não se tratam de elementos quantitativos e integrantes de uma realidade estática, mas sim de componentes de uma dinâmica social muito maior.

	Esporte	Ginástica
Origem	Inglaterra	Alemanha, França e Suécia
Instituição	Escolar	Militar e Escolar
Função	Formação e cultivo do caráter e estilo de vida burguês, civilizadora, expansão de redes sociais	Formação dos Estados Nacionais, criação de fronteiras: guerras, higiene e formação do caráter
Ação	Pedagógica e Social	Higiênica, Militar, Individual e Social

Quadro 2. Quadro comparativo entre a instituição esportiva e a instituição ginástica.

Após as discussões acerca destas duas instituições, as quais influenciaram de forma significativa a formação do “novo homem”, exigência de uma sociedade emergente, cabe-nos agora refletir um pouco sobre elas.

Analisando a tabela e o que foi discutido anteriormente, podemos observar que tanto o esporte quanto a ginástica tiveram sua origem na Europa mediante as diversas transformações que ocorreram no continente naquele período, sendo o primeiro originado na Inglaterra, na instituição escolar, devido a diversos fatores já discutidos por nós anteriormente, e o segundo na Alemanha, França e Suécia², nas instituições militar e escolar, os quais, embora apoiados nas mesmas bases científicas, desenvolveram métodos ginásticos diferentes e com características peculiares.

A partir disto, torna-se interessante pensar que outra diferença entre o esporte e a ginástica trata-se justamente do caráter científico adquirido pela ginástica, buscando embasamento na biologia, o qual, por sua vez, não apareceu no esporte. Acreditamos, portanto, que este aspecto científico fez -se de extrema importância na caracterização da função higienista e formadora do caráter presente na ginástica, que juntamente com o ambiente e o período de constantes guerras vivido por esses países, proporcionou-lhe também sua função militar, importante na formação dos Estados Nacionais e na criação de fronteiras.

Uma vez que não adquiriu tal base científica como a ginástica, o esporte, por sua vez, construiu um caminho um pouco diferente, que juntamente ao isolamento geográfico, ao modelo de governo e às significativas mudanças urbanas e industriais sofridas pela Inglaterra naquele período, proporcionaram -lhe uma função de formação e cultivo do caráter e do estilo de vida burguês, estando muito ligado à questão civilizadora³ e de expansão de redes sociais.

Concluimos, portanto, baseado no que foi exposto até aqui, que a ação desempenhada pela ginástica teve cunho higiênico, militar, individual e social, enquanto que ao esporte, imerso numa sociedade com características bem peculiares, coube uma ação mais pedagógica e social.

² Vale lembrar que outros países, como por exemplo, a Dinamarca, também desenvolveram métodos ginásticos, porém estes não tiveram tanta expressividade quanto os desenvolvidos nos países por nós citados.

³ Desenvolvida por Norbert Elias, um sociólogo alemão de origem judia, a teoria do “Processo Civilizador” busca compreender as sociedades ocidentais. Como uma cultura que produziu coisas fantásticas, a o mesmo tempo produziu coisas terríveis como guerras, o nazismo, dentre outras? Sendo assim, a teoria nos permite entender porque somos capazes de extremos tão distantes e o que existe no cerne desta civilização, ou seja, a compreensão de sua estrutura.

4. Origem e características do esporte.

Na Inglaterra a palavra esporte era originalmente restrita às atividades como equitação, caça, tiro, pesca, corridas de cavalo, esgrima e outras atividades semelhantes, sendo os jogos e competições físicas classificados como passatempo.

No entanto, por volta de 1880 há, na Inglaterra, um declínio dos jogos populares, causado, dentre outros fatores, principalmente pelo crescente processo de industrialização e urbanização pelo qual o país vinha passando (Revolução Industrial).

Juntamente com este processo, surgem novos padrões e exigências de conduta, de forma que os jogos tradicionais perdem suas funções iniciais que estavam intimamente ligadas aos costumes de uma sociedade anterior ao capital, na qual as relações de trabalho (tempo de trabalho e de não-trabalho) ainda não eram bem definidas ou sequer existiam, passando a ser desenvolvidas com o advento de um novo modelo econômico, a partir de uma nova forma de capital.

Anteriormente a esse processo de industrialização e urbanização, tais relações não eram bem definidas e os jogos se relacionavam às festas da colheita, à religião e a outros eventos e comemorações que perpassavam a vida das pessoas.

Reprimidos pelo poder público em detrimento deste novo modelo de sociedade, uma vez que não condiziam com os novos moldes adotados, os jogos populares irão sobreviver nas escolas públicas inglesas, as *Public Schools*, onde não eram considerados uma ameaça para a propriedade e para a ordem pública. É neste lugar, onde poderá ser controlado pela classe dominante, que o jogo assume as características do esporte moderno.

Sendo assim, acreditamos que o esporte moderno tem sua origem no âmbito da cultura européia, mais especificamente na Inglaterra, por volta do século XVIII, referindo-se, segundo Bracht (2003), a uma atividade corporal de movimento de caráter competitivo, a qual se expandiu para o resto do mundo.

Pode-se considerar o esporte como resultado de uma combinação de duas culturas corporais de movimento, sendo que a primeira passa por um processo de esportivização dos elementos da cultura corporal de movimento das classes populares

inglesas (jogos populares) e a segunda conta com elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa.

Segundo Bracht (2005), o esporte moderno surge como um processo em íntima relação com o desenvolvimento da sociedade capitalista moderna, a partir do século XVIII, caracterizando-se por atividades no âmbito do divertimento das classes dominantes (aristocracia e burguesia emergente) e também na forma de “jogos populares”, tais como as atividades citadas no início do texto, que foram com o tempo sendo regulamentadas para evitar desentendimentos no campo do esporte.

No século XX, o esporte transformou-se num conteúdo hegemônico da cultura corporal de movimento em todo o mundo e a instituição esportiva aparece como forma de satisfazer necessidades ligadas ao movimento criando “[...] um sistema complexo de inter-relações entre valores de uso e regras de comportamento.” (BARTHOLO JR., 1986, p. 27 apud BRACHT, 2005, p.102).

4.1. Características do Esporte.

A origem do esporte moderno ocorre numa época em que a mensuração, a busca da maior eficiência, da velocidade, bem como a idéia de superação de limites, tomavam conta das atividades de trabalho e ditavam as diretrizes da produção. Ao mesmo tempo, a essência desses valores foi transportada para o esporte, que passou a ser encarado como, além de um meio de demonstração e desenvolvimento de técnicas específicas para o aumento do rendimento, um meio de controle e diferenciação por parte da classe dominante.

Com o intuito de entender melhor esta nova prática corporal que surge em meio a tantas mudanças na sociedade, acreditamos que o quadro a seguir, elaborado por Guttmann (1978) e adaptado por Pilatti (2002), pode contribuir com o nosso entendimento do fenômeno esportivo como também com algumas de nossas inquietações futuras, as quais nortearão nossa discussão.

	Esportes Primitivos	Esportes Gregos	Esportes Romanos	Esportes Medievais	Esportes Modernos
Secularidade	Sim e Não	Sim e Não	Sim e Não	Sim e Não	Sim
Igualdade	Não	Sim e Não	Sim e Não	Não	Sim
Especialização	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Racionalização	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Burocracia	Não	Sim e Não	Sim	Não	Sim
Quantificação	Não	Não	Sim e Não	Não	Sim
Recordes	Não	Não	Não	Não	Sim

Quadro 3. Características dos esportes em diferentes épocas

Fonte: (GUTTMANN, 1978, p.54 apud PILATTI, 2002, p.73).

Neste quadro, Guttman atribuiu ao esporte sete características, as quais acredita estarem intimamente ligadas às mudanças ocorridas na sociedade nos séculos XVIII e XIX e que perduram até os dias atuais. A tabela apresenta uma comparação, se assim podemos dizer, de como essas características estavam ou não presentes no esporte⁴ desde a antiguidade até se configurar na forma como o conhecemos atualmente ou bem próxima disso. Tais características são: secularidade, igualdade, especialização, racionalização, burocracia, quantificação e recorde.

A primeira característica apontada por Guttman, a secularidade⁵, traz consigo muita polêmica, uma vez que é difícil apontar, mesmo atualmente, seu caráter dentro do esporte. Porém, entendemos que mesmo com esta dificuldade de distinção, tal característica torna-se presente com maior visibilidade e frequência nos esportes dos períodos anteriores, uma vez que concordamos com Pilatti (2002), ao comentar a

⁴ Perguntamos-nos aqui se podemos denominar as práticas corporais realizadas em outras épocas de esporte, pois entendemos que o esporte só é possível de ser entendido e, portanto, denominado como tal, a partir das mudanças ocorridas na sociedade inglesa no século XVIII. Utilizaremos o termo esporte para ser fiel ao quadro elaborado por Guttman e também por acreditarmos ser mais fácil o entendimento ao longo do texto. Porém acreditamos que o termo práticas corporais seria mais adequado para denominar o “esporte” praticado pelas sociedades anteriores.

⁵ Entende-se por secularidade o estado de estar separado de uma organização religiosa.

mesma tabela e os apontamentos feitos por Guttmann sobre tais características, que estes sequer tinham uma palavra para denominar ou definir o esporte, estando essas práticas, originalmente, ligadas a um caráter de cultismo e de cerimonial. Acreditamos que o caráter secular presente no esporte foi acentuando-se de forma a acompanhar o crescente processo de secularização ocorrido nas sociedades até chegar ao esporte propriamente dito, ou seja, o esporte moderno.

A igualdade, segunda característica apontada por Guttmann, começa a aparecer nos esportes gregos, porém as divisões, as quais visavam permitir igualdade de participação, eram feitas de forma mais abrangente comparada à atual, separando apenas os meninos e os homens (as mulheres não participavam). No esporte moderno a igualdade ganha maior ênfase, juntamente com o aparecimento das demais características, sendo percebida por meio das divisões de categoria, sejam elas por peso, idade, sexo, entre outras, as quais variam dentro das diversas modalidades, sendo o princípio sempre o mesmo: proporcionar a igualdade de chances entre os competidores. Acompanhando este princípio, as regras são os mecanismos que cumprem o papel de regular e assegurar tais divisões, sendo estas também reguladas e fiscalizadas por federações e comitês espalhados por todo o mundo e divididos nas diversas modalidades.

A especialização é uma característica que sofre grande influência da divisão do trabalho, sendo reflexo das mudanças ocorridas nos sistemas produtivos e industriais do período (a alienação do trabalho). Seguindo a lógica da divisão, do maior rendimento e da maior produção presente na sociedade, a especialização dos papéis chega ao esporte e vai influenciar de forma significativa o processo de profissionalização em contrapartida ao amadorismo.

Aliada à especialização, a racionalização vai buscar a relação lógica entre meios e fins, entre causas e efeitos. Como fruto deste processo, encontramos as mudanças nas regras com intuito de acompanhar as mudanças da sociedade e tornar o esporte universal, bem como a racionalização e organização do treinamento esportivo, pautado nos novos conhecimentos da ciência e visando a melhor *performance* do atleta.

A burocratização é uma característica muito ligada à igualdade, uma vez que é comum às duas a presença dos comitês e federações, ao mesmo tempo propondo regras que asseguram uma “participação igualitária” e administrando o desenvolvimento do esporte, ou seja, controlando-o.

A configuração do processo pode ser percebida, entre outras características, na universalização das regras, na elaboração de estratégias de desenvolvimento mundial implantadas pelas organizações gestoras, no controle de recordes, na produção de espetáculos, tudo dentro de uma visão administrativa racionalmente moderna. (PILATTI, 2002, p.72).

O processo ao qual o autor faz referência na citação acima em muito contribuiu com a expansão do esporte para além da Inglaterra, fazendo com que se tornasse um conteúdo hegemônico da cultura corporal em todo o mundo. Atualmente, grandes exemplos desse processo são a FIFA (Federação Internacional de Futebol), a NBA (Associação Norte-Americana de Basquetebol), o COI (Comitê Olímpico Internacional), dentre outras federações e comitês de grande importância e visibilidade.

As duas últimas características colocadas por Guttmann, a quantificação e a busca do recorde, estão em muito associadas à burocratização. Uma vez encarada como necessidade da sociedade do capital, a quantificação tornou-se também alvo do esporte moderno e necessária ao seu bom andamento. Através de números pode-se quantificar o rendimento do atleta e classificá-lo ou compará-lo dentre outros atletas ou definir-se uma meta a ser alcançada. Já a busca pelo recorde, segundo Pilatti (2002), é uma exceção encontrada apenas no esporte moderno, talvez um motivo a mais para os atletas tentarem a superação, favorecendo a competição e o espetáculo esportivo.

Podemos dizer, portanto, que um dos fatores facilitadores para o fenômeno esportivo tornar-se hegemônico dentro da cultura corporal de movimento, foi a aquisição de muitos dos princípios que passaram a reger a sociedade capitalista industrial da época.

5. A educação burguesa e a formação do caráter esportivo.

Até certo período, antes da Revolução Industrial, a aristocracia era a classe dominante, uma vez que não havia mobilidade social e as hierarquias tradicionais estabeleciam quem pertencia ou não a tal “condição” social. Com o advento da Revolução Industrial (séculos XVIII e XIX), observa-se uma mudança radical no acúmulo de capital e pessoas que não pertenciam às classes sociais mais altas começam a enriquecer, fazendo com que ocorresse a citada mobilidade social e o decorrente declínio daquelas tradicionais hierarquias. Esta nova classe em emergência, a burguesia⁶, tende, então, a identificar e a estabelecer a “[...] distância que a separava da ociosa e dissoluta aristocracia e dos bêbados e preguiçosos operários.” (HOBSBAWM, 1988, p. 240).

“Nesse século da burguesia triunfante, os membros das bem-sucedidas classes médias estavam certos da própria civilização; de modo geral, eram seguros e não costumavam lutar com dificuldades financeiras [...]” (HOBSBAWM, 1992, p. 233). Os membros da burguesia, homens de negócios, profissionais liberais e servidores públicos dos mais altos “escalões”, não se preocupavam em obter o mesmo status da aristocracia ou recompensas materiais dos muito ricos, mas consideravam-se acima da faixa onde a compra de algo significaria renunciar à outra, como no caso da classe proletária.

[...] conforme notou um observador francês na Inglaterra, as “classes médias” consistiam “essencialmente em famílias no processo de elevar-se socialmente”, e a burguesia, em pessoas que “havia chegado” – seja no ponto mais alto ou em algum platô convencionalmente definido. (HOBSBAWM, 1988, pp. 243 -244).

⁶ Grupo social o qual teve sua origem no contexto social do Renascimento urbano do século XI, a burguesia sofreu diversas mudanças de significados ao longo do tempo. Interessa-nos, no entanto, os significados a ela atribuídos nos tempos modernos, mais especificamente a partir da Revolução Francesa e, posteriormente, da Revolução Industrial, quando de fato, segundo Silva; Silva (2006), começa a ter seus contornos sociais delineados com mais clareza, passando a se [...] “distinguir tanto das classes baixas quanto da aristocracia, aos poucos construindo uma identidade própria por meio do consumo de bens culturais, consolidando as exigências práticas dos negócios com a aquisição de uma cultura que demandava ócio, requintando seus gostos e ampliando seu papel de consumidor de cultura” (SILVA; SILVA, 2006, p. 36).

A dificuldade para os burgueses, portanto, era o crescimento constante do número de pretendentes ao status burguês, numa sociedade na qual a burguesia começava a participar da formação da classe social superior. Ficava cada vez mais difícil diferenciar os então “verdadeiros” e “pseudos” membros da burguesia. No entanto havia, essencialmente, três modos de estabelecer o pertencimento à classe neste período: o estilo de vida e a cultura de classe média, o esporte e o principal, que seria a educação. O acesso à educação demonstrava que o jovem tinha condição de “ganhar” a vida mais tardiamente, sendo assim, o conteúdo da educação era secundário, sendo mais importante o status gerado pela condição de freqüentar a escola ao invés de trabalhar desde muito cedo, além do custo da educação também se caracterizar como um distintivo social. Não é a toa que o esporte se desenvolve na escola e mais tarde aparece também na universidade, onde o jovem burguês que se prepara para se formar, assumir os negócios da família e representar sua classe, tinha, juntamente com a educação, mais uma oportunidade de formação do caráter tido como ideal na época.

No final do século XIX a burguesia era formada por sociedades fechadas, na medida em que alguns círculos eram consideravelmente “mais iguais que outros”, mas educacionalmente abertas, em virtude da entrada ser possível através do dinheiro (bolsas de estudo). A exclusividade era puramente social, o esporte e a educação eram meios de manter relações entre as famílias e até uma forma de arranjar casamentos entre seus membros.

O *sportman* (verdadeiro esportista) se tornou sinônimo de *gentleman*⁷ e o cavalheirismo e o ideal de “levar na esportiva”, primando pela cortesia, lealdade e educação, tomaram conta do comportamento socialmente aceitável do período. Um forte exemplo desse fato mostra-se na atitude tomada, no final do século

⁷ Podemos fazer uma analogia, guardadas as devidas proporções, ao cidadão integral presente na Grécia antiga, com a forma clássica do *gentleman* inglês, uma vez que a questão da formação do indivíduo completo e apto para assumir o que lhe é de direito está presente em ambos. Porém, no caso do cidadão grego observa-se uma educação e uma formação do caráter voltado ao espaço público, no sentido de estar voltado para a sociedade, enquanto no cidadão inglês, membro da burguesia, estes se dão, embora ligados ao social, de forma a priorizar o espaço privado, um espaço restrito, à criação de emblemas sociais, privatizando as relações humanas, à medida que estas se tornam cada vez mais fechadas e acessíveis a apenas determinados grupos.

XVIII, por muitos *gentlemen* ao incorporarem atividades esportivas nos seus clubes⁸, sem apostas e regulamentadas, nem tanto por regras rígidas, mas sim pelo componente do *fair-play*.

No início do século XIX, os filhos destes *sportmen* ocupavam parte de seu tempo livre nas escolas públicas com as práticas do remo, futebol, cricket e corridas, mais tarde estendidas às universidades, local onde o esporte complementaria a formação do verdadeiro burguês e o tornaria apto a assumir os negócios da família.

Por volta de 1900, a comunidade dos bancos ingleses, que controlava os negócios financeiros do mundo, consistia em algumas dezenas de famílias que moravam numa pequena área de Londres, que se conheciam entre si, freqüentavam os mesmos clubes e círculos sociais e ligavam-se através de casamentos. [...] O maior de todos os trustes, a United States Steel, foi formado por um punhado de homens em conversas informais; e finalmente concretizado durante jantares e jogos de golfe. (HOBSBAWN, 1988, p. 248).

Nesta lógica surge o amadorismo, também utilizado como forma de distinção social, no qual a prática esportiva está apenas ligada ao prazer, de forma desinteressada, estando presente o cavalheirismo e a camaradagem, lógica esta, que será mais tarde incorporada pelo Barão Pierre de Coubert in⁹ nos discursos dos Jogos Olímpicos da modernidade.

Pois não é suficiente que haja uma elite; é preciso que esta elite seja cavalheiresca. Os cavalheiros são antes de tudo “irmãos de armas”, homens valentes, enérgicos, unidos por um laço mais forte que o da simples camaradagem, já poderoso por si mesmo; a idéia de ajuda mútua, base da camaradagem, se sobrepõe no cavalheiro à idéia de competência, de esforço oposto ao esforço por amor ao esforço, de luta cortês e sem, contudo, ser violenta. (COUBERTIN, 1935, p.44, tradução nossa).

⁸ No Brasil, a formação de associações e clubes tem seu início no começo do século XX, mas “[...] as ações políticas públicas e legislação na possibilidade de disciplinar a criação e a formação de clubes esportivos, recreativos e de lazer passou a ser cogitado na década de 1930, mas essas ações só foram efetivadas pelas ações governamentais em 1940” (ANJOS, 2004, p.65).

⁹ Pedagogo e historiador francês, vindo de família aristocrática, Pierre de Coubertin ficou conhecido na história como o fundador dos Jogos Olímpicos da modernidade, fruto da inspiração de suas visitas a colégios ingleses e estadunidenses, propondo-se a melhorar os sistemas de educação. Nestas melhorias estava a promoção da educação para o esporte, o qual acreditava ser uma parte importante do desenvolvimento pessoal dos jovens.

Segundo os ideais apregoados por Pierre de Coubertin, o esporte gera um controle dos impulsos humanos, certo apaziguamento (ideal da fraternidade presente na Revolução Francesa) e, com o tempo, um controle social maior.

Sendo assim, aos poucos, a sociedade cria instituições para apaziguar/regular os medos¹⁰ das pessoas, atendendo a determinadas necessidades e a instituição esportiva tem a necessidade de se legitimar socialmente, possuindo a capacidade de seduzir cada vez mais participantes e de constituir mecanismos para continuar crescendo, adaptando-se a novas demandas e absorvendo, inclusive, tendências paralelas e rivais. O esporte é utilizado para se exercer um controle social pela elite, pois a classe dominante, com o advento da cidade, deveria criar mecanismos de governo diferentes dos da sociedade aristocrática rural, visto que a sociedade, neste momento, se configurava de uma forma totalmente diferente do até então presenciado. A burguesia se vê “obrigada” a se relacionar com a aristocracia e com as classes em ascensão para manter seu poder (é a classe com mais contatos), estendendo suas práticas às camadas populares, onde o esporte é um dos meios de controle social, uma das formas de comunicação com as outras classes sociais.

¹⁰ Remetendo-nos novamente ao “Processo Civilizador”, Norbert Elias coloca que o poder está em íntima relação com o medo, assim como o comportamento, as emoções e o conhecimento. Sendo assim, a instituição esportiva viria como forma de apaziguar alguns medos da burguesia.

6. Imagens do caráter: os homens esportivos no filme.

“O caráter de um homem é o seu destino.”
(Heráclito).

Após uma discussão sobre o esporte, chegamos ao ponto principal deste trabalho, ou seja, a análise propriamente dita do filme. Aq ui, nosso objetivo será entender como a formação do caráter burguês por meio do esporte é abordada pelo diretor e veiculada na obra fílmica.

No entanto, ao analisarmos um filme, visto que se trata de uma obra que pode nos levar a diferentes caminhos, torna -se importante entendermos como o diretor desenha os personagens, compondo seu caráter. A partir disto, podemos entender qual seria o papel do esporte na formação social dos atletas.

Em nosso caso, entendemos que Carruagens de Fogo nos mostra diferentes apropriações e usos do esporte na formação do caráter de 3 personagens: Eric Liddell, Lord Lindsay e Harold M. Abrahams.

Antes de entrarmos numa discussão mais profunda e individualizada do papel assumido pelo esporte na formação do caráter desses personage ns, precisamos discutir um pouco sobre o caráter. O que seria o caráter ¹¹? Na etimologia grega, caráter é “[...] o que grava, sinal gravado, marca, traço particular do rosto, natureza particular de alguém, marca de estilo.” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 620). A partir desta definição, pensamos estar o caráter, intimamente ligado ao modo de ser e de se comportar de um indivíduo, ou seja, as características particulares que acabam por distingui-lo de outro. No entanto, não acreditamos num caráter natural e imutável, mas concordamos com Abbagnano (2000, p.17), que em seu dicionário de filosofia nos diz que:

¹¹ Não é nosso intuito fazer uma discussão aprofundada sobre o conceito de caráter, mas apenas apresentar alguns elementos que fundamentam nosso entendimento acerca deste e possibilitem ao leitor maior compreensão das discussões futuras.

[...] o caráter é a manifestação objetiva, verificável através da experiência social, da própria personalidade humana. Não só o caráter é um “conceito social”, no sentido de que se pode falar de caráter referindo-se à conexão de um homem com o seu ambiente, mas também os traços ou as disposições que constituem o caráter são verificáveis apenas socialmente. [...] Substancialmente, o caráter é o modo como o homem toma posição diante do mundo natural e social; e Adler baseia sua avaliação em dois pontos de referência: a vontade de poder e o sentimento social, que, com sua ação recíproca, constituiriam os aspectos básicos do caráter.

Partindo desse pressuposto, torna-se curioso pensar que o mesmo esporte moderno, inglês e conservador, o qual traz consigo um ideal específico de formação do caráter, é assimilado e apropriado de forma diferente pelos personagens do filme, ou seja, refletir como o esporte agiu sobre eles, moldando-lhes caracteres diferentes e voltados para interesses distintos.

Acreditamos que, ao se referir a uma conexão do homem com seu ambiente, ou seja, ao resultar de experiências sociais como também individuais da própria personalidade, o caráter possa ser encarado como uma consequência das opções feitas pelo próprio indivíduo e as quais,

[...] não são absolutamente livres nem necessárias, mas condicionadas por elementos orgânicos, ambientais, sociais etc.; e, em suas constantes observáveis, delineiam um *projeto de comportamento* no qual coincidem o caráter e a personalidade do homem. (ABBAGNANO, 2000, p. 117, grifo do autor)¹².

Podemos dizer, portanto, que o esporte, ao ser encarado como um desses elementos é responsável por gravar e deixar marcas civilizatórias nas pessoas, educando-as, ou seja, ainda que respeitando certas individualidades, formando seu caráter.

Visto isso, entramos definitivamente na análise do filme e dos personagens, tratando de suas diferenças e peculiaridades na formação do caráter de forma individualizada, porém não deixando de fazer as ligações e comparações necessárias e não esquecendo o todo da obra.

¹² No texto original de Abbagnano, a palavra caráter é abreviada pela letra “C.”

6.1. Eric Liddell.



Imagem 1. Eric Liddell.

A primeira aparição de Liddell no filme se dá em um evento, um tipo de festival na Escócia, no qual participa dando o tiro de saída de uma prova de corrida infantil e logo após entrega a premiação e fala algumas palavras para as pessoas que estavam no evento.

A cena é uma pequena introdução sobre este personagem, apontando - nos algumas características e um pouco de sua história, ou seja, a partir da caracterização do cenário, das pessoas, das roupas e das falas, o diretor mostra -nos o personagem e cria um entendimento de sua origem e de suas futuras escolhas.

CENA A: após entregar a premiação às crianças, Liddell se levanta e fala algumas palavras para as pessoas do evento.



Imagem 2. Liddell falando algumas palavras após evento na Escócia.

“**Liddell** (*referindo-se aos espectadores*): - Sabem, damas e cavalheiros, uma das compensações de se conseguir uma certa notoriedade como um jogador de rugby é que de vez em quando nos pedem para dar coisas.

- Sempre se diz que é melhor dar do que receber. Deixem -me lhes dizer: o olhar de felicidade nas faces daqueles meninos valia dez troféus de estanho empoeirando no meu guarda louças em Edimburgo.

- Quando estávamos na China, meu pai estava sempre cantando em prosa e verso sua casinha no vale. Mas como eu nasci no oriente, tal como meus irmãos e minha irmã aqui (*apontando para a irmã sentada ao seu lado*), eu sofria de uma incredulidade natural. Mas olhando ao meu redor agora, a urze nas colinas, vejo que ele estava certo. É muito especial”.

Esta cena se faz de extrema importância à medida que nos mostra algumas escolhas de Liddell e um pouco de sua história, o fato de ter nascido no oriente, filho de pais escoceses e missionários, com o também o fato de ter sido um bom e reconhecido jogador de rugby (especialmente por ser muito veloz e, sendo assim, um corredor fenomenal), tendo, no entanto, desistido de sua carreira por causa de suas crenças, decidindo trilhar o caminho do pai e da irmã, tornando-se missionário, uma vez que acreditava ser mais gratificante o sorriso e a felicidade daqueles que ajuda do que ganhar, com o esporte, apenas em benefício próprio.

CENA B: Liddell conversa com seu pai e seu irmão sobre seu dom.



Imagem 3. Liddell conversando com seu pai e seu irmão.

Pai: - Você tem muita sorte, Eric. Você é proprietário de muitos dons. E é seu dever sagrado utilizá-los bem.

Irmão: - Papai está certo. Corra como sabe, seja forte e sincero. A missão só tem a ganhar com seu sucesso. O que precisamos é de um cristão musculoso. Para fazer as pessoas se interessarem.

Pai: - O quanto você é bom de corrida, Eric?

Irmão: - Sandy calcula que competirá pela Escócia antes do fim de mês. Então, depois disso, o céu é o limite.

Pai: - E isso significa o que?

Irmão: - Os jogos olímpicos, talvez?

Pai: - Eric, você pode louvar o Senhor descascando uma batatinha se descascá-la com perfeição. Não faça concessões. Fazer concessões é a maneira do diabo. Corra em nome de Deus e deixe que o mundo fique maravilhado”.

Persuadido por seu amigo Sandy, seu irmão e seu pai, que o encorajam a correr em nome de Deus, ele acredita que o esporte pode ser um meio para transmitir a palavra de Deus e trazer as pessoas para a religião.

Uma vez convencido de que tinha um dom e deveria utilizá-lo da melhor maneira possível, Liddell aceita o conselho de seu irmão e de seu pai e começa realmente a correr em nome de Deus, sendo que depois das corridas sempre falava algumas palavras sobre a importância da fé.

CENA C: Liddell, cercado de pessoas com seus guarda-chuvas abertos devido à chuva que caía, faz um pequeno discurso depois de uma corrida.



Imagem 4. Liddell discursando após uma corrida.

“**Liddell**: - Vieram para ver uma corrida hoje. Para verem alguém ganhar. Aconteceu que fui eu. *(Em tom de descontração)*.

- Mas queria que fizessem mais do que só ver a corrida. Quero que tomem parte dela. Quero comparar a fé com competir numa corrida. É difícil. Requer concentração e vontade. Energia da alma.

- Vocês sentem uma exultação quando o vencedor rompe a fita, principalmente se apostaram.

(As pessoas riem).

- Mas por quanto tempo dura? Voltam para casa. Talvez não tenham jantar. Talvez não tenham emprego. Assim, quem sou eu para dizer creiam, tenham fé, em face das realidades da vida?

- Gostaria de lhes dar algo mais permanente, mas apenas posso indicar o caminho. Não tenho fórmulas para ganhar a corrida. Cada pessoa corre do seu próprio modo.

- E de onde vem o poder de assistir a corrida até o final? Vem de dentro. Jesus disse: - “Eis que o reino de Deus está dentro de vocês. Quando me buscarem de todo seu coração, certamente me acharão”. Se comprometerem -se com o amor de Cristo, então, é este o modo de correrem em linha reta”.

Porém, ao assumir tal postura, Liddell encontrará algumas resistências durante sua jornada até chegar aos jogos olímpicos, as quais colocarão seus ideais à prova. Uma delas é sua irmã, Jennie, com quem Eric tem uma relação muito próxima. Jennie não entende que correr seja uma forma de honrar a Deus, e por isto acha que a corrida e as competições vão atrapalhar o trabalho do irmão e na missão, sendo ela contra sua atitude de correr. Mas Eric continua firme e em uma conversa com sua irmã explica-lhe porque corre e pede para que entenda seu propósito.

CENA D: Liddell se atrasa para seus deveres na missão, sua irmã fica muito aflita e preocupada com as atitudes do irmão e os dois conversam sobre o assunto.



Imagem 5. Liddell conversando com sua irmã Jennie.

“Jennie (*angustiada e triste*): - Treino, treino, treino. Tudo que ouço falar é treino.

Você acredita no que está fazendo aqui ou não? (*Referindo-se à missão*).

Liddell: - Olhe Jennie, lamento. Cheguei atrasado. Desculpas.

Jennie: - Muito bem, Eric.

Liddell: - Olhe, eu disse que lamentava muito.

Jennie: - Pra mim. Não foi eu que você insultou.

Liddell: - Chega de amolar! Deus não ficará zangado porque eu perdi o ônibus.

Jennie: - Eric, você perdeu um ônibus. Mas por quê? Sua mente não está mais conosco. Está cheia de corridas e medalhas e velocidade. Está tão cheia que não tem espaço para se aquietar.

Liddell: - Jennie! Não se aflija!

Jennie: - Eu fico aflita sim, Eric. Temo por você. Temo o que tudo isto pode fazer a você.

(Neste instante faz-se uma pausa na conversa, uma garota entra e pede um autógrafa para Liddell. Dado o autógrafa ele convida sua irmã para um passeio, pois tem algo a lhe dizer num campo aberto, onde se pode ver a cidade ao fundo, Eric continua).



Imagem 6. Liddell e sua irmã Jennie em campo aberto.

Liddell (*olhando para a cidade*): - É uma vista e tanto, não é, Jennie? Edimburgo. Ficarei triste em deixá-la. Me decidi. Voltarei para a China. O serviço missionário me aceitou.

Jennie (*dando um abraço eufórico no irmão*): - Oh, estou tão contente!

Liddell: - Mas tenho que correr muito primeiro. Jennie. (*pausa*) Jennie, você tem que entender. Creio que Deus me criou para uma finalidade. Para a China. Mas ele também me criou veloz. E quando corro, sinto o prazer dele. Abandonar isto seria menosprezá-lo. Você estava certa. Não é só a diversão. Vencer é honrá-lo.

- Jennie, tenho que me formar na universidade. Todo aquele trabalho. Então há Paris. Os Jogos Olímpicos. Não sou bastante para tudo isso. Estou lhe pedindo que administre a missão sozinha até eu voltar. Você faz isto pra mim, Jennie?

(*A irmã o beija no rosto e sai*)”.

Ao se desentender com sua irmã a respeito de qual caminho seguir, a corrida ou continuar com a missão, Liddell diz que Deus o fez bom, mas também o fez veloz, portanto se sente no dever de continuar com sua missão, mas através da corrida, levando sua fé e princípios por onde passasse e retornando mais tarde à China. Com isto, Liddell continua a correr honrando a Deus até chegar às Olimpíadas.

Todas estas cenas nos apresentam os valores que regulam a vida de Liddell, valores estes que serão colocados em xeque no clímax do filme – as Olimpíadas de Paris, de 1924.

CENA E: Reunidos numa sala, o príncipe da Inglaterra, membros do Comitê Olímpico Inglês e Liddell, decidem seu futuro com relação à corrida do domingo, a qual ele se recusa a correr por suas crenças religiosas.



Imagem 7. Liddell em reunião com comitê olímpico inglês.

LB = Lord Birkenhead (Chefe do comitê olímpico inglês).

AR = Alteza Real (Príncipe inglês).

LC = Lord Cadogan (Membro do comitê olímpico inglês).

LB: - Sua Alteza Real, permita-me apresentar-lhe o Sr. Eric Liddell.

AR: - Encantado, Liddell. Encantado. Apertando a mão de Liddell. – Eu o vi jogar rugby pela Escócia. Me deprimiu muito. Marcamos pontos duas vezes no seu campo.

Liddell: - Creio que sim, senhor, sim.

AR: - É bom ter você do mesmo lado, afinal. – Excelente esforço do Lindsay, não acha?

Liddell: - Ele se saiu bem, senhor.

AR: - Um exemplo para todos nós.

LB: - Eric, permita-me apresentar o Duque de Sutherland, presidente da Associação Olímpica?

Duque, referindo-se a Liddell: - Muito prazer!

LB: - E nosso presidente, Lord Cadogan. Sente-se. Fique à vontade. Charuto? Oh, não, claro. Você não fuma. Nem bebe. Tal é a resolução do jovem que têm à sua frente, cavalheiros.

Duque: - Lord Birkenhead nos informou sobre sua atitude para com sua participação nas provas de 100 metros, Liddell. Ou sua não-participação, seria mais acurado?

Liddell: - Seria, senhor, sim.

Duque: - Fomos também consultados sobre como abordar os franceses.

LC: - Não podemos sair pedindo favores aos franceses, logo os franceses! Simplesmente fora de questão.

AR: - Um assunto de dignidade nacional. Como patriota tenho certeza que entende.

Liddell: - Devo dizer que não achei que a proposta fosse prática.

LB: - Porque você não disse então. Um atleta dá valor à economia de esforço.

Liddell: - Eu desejava correr. Estava pronto a tentar qualquer coisa.

AR: - Bem, tudo isso tem sido entendido, decidimos convidá-lo para uma conversinha para ver se existe um modo de ajudar a resolver a situação.

LC: - Só há um modo de resolver isto. Que é para este homem mudar de idéia e correr.

AR: - Não declare o óbvio, Cadogan. Temos de explorar os modos de ajudar este jovem a chegar a essa conclusão.

Liddell: - Lamento mas não há modos, senhor. Não correrei no dia sabático, e ponto final. Pretendo confirmar isto com Lord Birkenhead hoje à noite, mesmo antes de ter me convocado perante esta inquisição.

LC: - Não seja impertinente.

Liddell: - A impertinência é dos que procuram influenciar um homem a negar suas crenças.

LB: - Ao contrário, Liddell. Estamos recorrendo às suas crenças. No seu país e seu rei. Na minha juventude, era o rei primeiro, Deus depois.

Duque: - E a guerra provou ser ponto amargamente.

Liddell: - Deus fez os países. Deus fez os reis e as leis pelas quais governam. E essas leis dizem que o dia sabático é dele. E eu pretendo mantê-lo assim.

AR: - Sr. Liddell, você é um filho da sua raça como eu sou. Compartilhamos uma herança comum, um vínculo com um, uma lealdade comum. Há momentos em que nos pedem para fazer sacrifícios em nome dessa lealdade, que sem nossa fidelidade é inútil. Como vejo agora, para você, chegou esse momento.

Liddell: - Senhor... Deus sabe que amo meu país. Mas não posso fazer esse sacrifício.

(Neste momento ouve-se batidas na porta. O mordomo interrompe a conversa e apresenta o convidado).



Imagem 8. Liddell, Lindsay e membros do comitê olímpico inglês.

A pessoa apresentada pelo mordomo trata-se de Lord Lindsay, membro da burguesia, estudante de Cambridge e integrante, juntamente com Abrahams, Montague e Liddell, da equipe britânica de atletismo. Lindsay ao ver o dilema vivido pelo amigo vai ao comitê apresentar uma possível solução para o caso, mostrando-se um verdadeiro *sportman* ao ceder a prova dos 400 metros a Liddell, uma vez que já havia conquistado medalha em outra prova.

Mordomo: - Sua Alteza Real, Lord Lindsay.

Lindsay: - Sua Alteza, Cadogan, cavalheiros. Desculpas por interromper assim. O fato é que estou ciente do dilema de Eric. Imagino se poderia ser tão ousado a ponto de sugerir uma possível solução.

LC: - Sugira.

Lindsay: - Sim. Outro dia, outra corrida.

LC: - Que diabo significa isto?

Lindsay: - É uma questão simples, senhor. Os 400 metros. É na quinta-feira. Já ganhei minha medalha. Assim, por que não deixar o Eric tomar meu lugar no quarteto?

(Todos se entreolham).

Duque: - Acho que é uma idéia esplêndida. Podemos fazer tal mudança se avisar com antecedência?

LC: - Isso é um assunto para o comitê.

LB: - Nós somos o comitê. Penso que é uma idéia muito boa. David? Referindo-se a sua Alteza Real.

AR: - Todos aqueles a favor digam sim?

(Todos dizem sim).

AR: - Liddell?

Liddell *(levantando-se em agradecimento e referindo-se à Lindsay quase sem palavras):* - Andy, eu...

Lindsay *(não deixando com que Liddell se levantasse)* - Um prazer, velho amigo. Só para ver você correr.

(Liddell pensa por um instante).

Liddell: - Sim.

AR: - Bem isso está decidido. Apertando a mão de Liddell.

LB: - Um momento embaraçoso, George. *(referindo-se ao Duque, em particular, enquanto os outros conversam)* Dê graças a Deus pelo Lindsay. Pensei que o rapaz tinha nos vencido.

Duque: - Ele realmente nos venceu, FE. E graças a Deus ele venceu.

LB: - Não entendo.

Duque: - O rapaz é um verdadeiro homem de princípios e um verdadeiro atleta. A velocidade dele é uma mera extensão da vida dele. Procuramos amputar a corrida do seu ser. Por amor ao país dele, sim. Nenhum amor é digno disso, FE. Muito menos um orgulho nacional culpado.

Estas cenas, envoltas num ambiente formal e recheadas de relações de poder, compõem uma verdadeira coreografia persuasiva com o objetivo de convencer o exímio corredor escocês – Liddell – a renegar seus valores religiosos e correr no dia sabático em nome de sua pátria e seu rei. Sendo assim, o Comitê Olímpico Inglês tenta convencê-lo a correr e Liddell é irredutível, forçando o comitê a encontrar, com a ajuda de Lindsay, outra solução para o caso. Mesmo sob a pressão dos dirigentes do Comitê Inglês Liddell não desiste de sua crença, demonstrando sua relação com o sagrado e expressando a relação que os orientais mantêm com a religião, muito diferente da relação ocidental com a mesma. Pode-se observar também durante este diálogo a “ética do capital”, a qual, neste caso, atropela todos os outros tipos de crença que não condizem com as práticas e os valores arraigados no esporte moderno em questão.

Liddell é um personagem muito interessante e nos traz uma discussão diferenciada acerca do esporte, pois, uma vez nascido no oriente, filho de pais escoceses e missionários, mantém uma relação muito profunda com o sagrado e com a religião, vindo a refletir em sua apropriação do esporte. Sendo assim, Liddell representa um homem bom, “natural”, puro e simples, o qual mantém uma relação próxima com sua irmã e seu maior desejo é sentir a manifestação divina, honrando a Deus através do bom uso de seu dom, a velocidade.

Dadas tais características e influências culturais, Liddell assume uma relação mística, se assim podemos dizer, com o esporte. Sendo seu desejo sentir a manifestação divina e honrar a Deus através de seu dom, ele vai utilizar o esporte como meio para alcançar seu objetivo, encontrar Deus e fazer com que as pessoas fiquem maravilhadas com suas conquistas através da fé.

Durante o filme isto fica claro em seus diálogos e nos cenários em que aparece, quase sempre em locais abertos, paisagens da Escócia, um país distante e tradicional, como também em seu figurino, sempre com trajes e roupas simples e sua relação com as crianças e com sua irmã.

O caráter esportivo assumido por Liddell, considerando as características atribuídas ao esporte por Guttman, se aproxima muito de práticas corporais gregas e romanas, nas quais, apesar da presença de muitas das características do esporte moderno, há forte presença da não secularização, estando

sua prática totalmente ligada à religião, à sua ligação com o sagrado. Porém, apesar desta não secularização, que aproxima Liddell dos gregos e romanos, sua prática também apresenta as demais características do esporte moderno apontadas por Guttman, bem como o próprio fato de Liddell viver no período moderno e não no período clássico. Um dos questionamentos que nos fica, portanto, é se este caráter natural assumido por Liddell em sua prática, diante das características apontadas por Guttman e as discussões feitas por nós acerca do fenômeno esportivo, pode ser considerado esporte, uma vez que apresenta características tanto de práticas anteriores como também do esporte moderno.

Outra discussão interessante é o fato de Liddell, dentro do esporte moderno, ao apresentar um caráter natural, se assim podemos dizer, do esporte, trazer à tona a questão dos valores pregados dentro da instituição esportiva e os quais são passados à sociedade, principalmente a moral e a saúde. Liddell, ao manter sua opção religiosa, não fuma, não bebe e não faz uso de práticas que prejudicariam seu corpo e seu espírito, sendo considerado um verdadeiro homem de princípios. Esta discussão também é feita por Georges Vigarello, o qual coloca o esporte como uma cidadela, onde tudo é perfeito:

É num mundo sem transcendência [...] que o jogo poderia ser mais massivamente valorizado. É neste mundo também que ele realça todo seu valor modelar, construindo réplicas ideais [modelos] de nós mesmos [...]. Ele fabricou uma cena na qual se exibem a igualdade de chances, o valor do mérito e a imparcialidade [...]. O risco é que a força da crença faz esquecer toda a cegueira que este mito pode causar (VIGARELLO, 2002, pp. 205-206, tradução nossa).

Exemplo atual é a concentração realizada pelos jogadores atletas de diversas modalidades, sobretudo do futebol, que alguns dias antes de jogos e campeonatos não podem beber, fumar, manter relação sexual ou qualquer prática que interfira em seu estado físico e mental e que prejudicará seu rendimento durante a prática da atividade em questão. Esta lógica sofre a influência do profissionalismo, mas tem suas raízes neste aspecto de pureza que nos remete ao mito, à cidadela perfeita, às práticas corporais do idealizado período clássico grego.

6.2. Lord Lindsay.



Imagem 9. Lord Lindsay.

CENA F: No pátio da universidade vários estudantes estão reunidos e esperando pela tradicional corrida da faculdade. Abrahams se prepara para correr enquanto o juiz anuncia e explica a todos como será a corrida. Nos últimos instantes, Lindsay aparece do meio da multidão de alunos e diz que vai correr junto a Abrahams.



Imagem 10. Lindsay chega de surpresa para a corrida da faculdade.

A cena descrita acima é uma das primeiras vezes que Lindsay aparece no filme e assim como ocorre com Liddell, esta situação nos diz muitas coisas sobre o personagem. Nesta cena, o interessante é atentar para o modo como Lindsay chega e se apresenta para a corrida. Extremamente alegre e com ar extrovertido, vestindo

roupas elegantes e um chapéu, fumando um charuto e com uma garrafa de *champagne* em mãos, Lindsay parece ser o oposto, to talmente diferente de Abrahams, que estava sério e concentrado, vestindo apenas uma camiseta e uma bermuda, cobertos por um simples roupão. Despreocupado com a corrida, Lindsay está ali apenas pela diversão, diferentemente de Abrahams, que está concentrado e sério, pois a corrida lhe tem outro valor, que será discutido posteriormente quando abordarmos este personagem.

Esta simples situação já nos é suficiente para crer que Lindsay representa perfeitamente o espírito amador, o que será afirmado ao longo do filme, uma vez que suas atitudes e seu estilo de vida demonstram isso claramente.

No ideal amador, o jogo e futuramente o esporte, atuam na educação para o estilo de vida, o qual está baseado na aliança social, no pacto de cavaleiros, representando um meio para a manutenção do capital. É neste sentido que, para Lucena (2001), o esporte se tornou um dos principais meios de identificação coletiva dentro de uma sociedade, sendo um elemento capaz de dar sentido à vida de indivíduos cada vez mais voltados a si mesmos (sociedade capitalista individualista).

Segundo Bracht (2003), o amadorismo se configura como uma estratégia de distinção social, com a idéia de “atividade desinteressada”, sendo um exercício de violência simbólica, ao se confrontar com os interesses dos trabalhadores (conflito social básico da sociedade capitalista: capital x trabalho). Este pensamento amadorista pode ser descrito a partir de regras de conduta desejáveis e estabelecidas na época, quando o:

Cavalheirismo desportista é a aplicação nos sports da Regra Aurea: jogo leal, justiça e conducta nobres nas praticas de atletismo. É uma qualidade moral como a honestidade, a franqueza, a lealdade, a cooperação, e tudo que, realmente, comporta o procedimento fidalgo que se não obtem por hereditariedade biológica. [...] Um verdadeiro athleta amador nunca se prestará intencionalmente a enganar sua representação, possibilidade, habilidade ou intenção, nem continuará competindo como tal depois de abandonar o espirito de amadorismo. (RUBI, 1934, p. 47).

Sendo assim, o amador só poderia se distinguir no esporte se pudesse dedicar a ele mais tempo que os operários tinham para tal, ao menos se estes fossem pagos. Desta forma, o profissionalismo (que envolveria mais o capital em

detrimento das relações sociais) era rejeitado pela aristocracia, pois seria uma maneira de se igualar ao proletariado. Os elementos do caráter popularesco do esporte, ou seja, a força, o suor e os excessos do corpo não estão presentes no âmbito esportivo aristocrata e burguês, pois os esportes característicos da aristocracia e, conseqüentemente da burguesia na época caracterizavam -se por jogos praticados dentro das universidades, fato retratado no filme através de um jogo de críquete entre os estudantes realizado em uma sala da própria Universidade.

CENA G: Jogo de críquete com vários estudantes em uma sala ampla da Universidade. Montague arremessa a bola e Abrahams fica inconformado com a postura de seus companheiros ao não concordarem que o batedor está fora.



Imagem 11. Jogo de críquete no salão de baile da universidade.

“Abrahams: - O batedor está fora!

Jogador: - Não está fora não.

Abrahams: - Pode ser ouvido até na cidade de Bournemouth! Vamos, é minha vez.

Jogador: - Não toquei na bola. Você ouviu o estalo do meu pulso.

Abrahams: - Vi a bola se curvar! Andy! *(Olhando para Andy Lindsay)*.

Lindsay *(dando uma piscadela com um olho)*: - Ele não tocou a bola com o taco.

Abrahams: - Ele está fora, estou dizendo. São todos surdos e cegos. Aubrey, lhe peço, pelo amor de Deus!

(Neste instante todos começam a segurar uma gargalhada).

Abrahams *(inconformado com a situação)*: - Não é justo!

(Todos começam a gargalhar).

Abrahams *(também dando risada e percebendo o que havia acontecido)*: - Está bem”.

O jogo de críquete entre os estudantes da universidade demonstra claramente a importância dada ao estabelecimento de melhores relações sociais durante a partida, sendo o espaço do jogo, do esporte, um momento de descontração ao mesmo tempo em que se configura como um espaço de estabelecimento de laços mais íntimos entre pessoas que irão negociar, comportamento este estritamente burguês, permitido justamente pela prática do jogo. Para o burguês “legítimo”, o jogo em si não é o mais importante, mas sim os laços sociais envolvidos no mesmo. O esporte e a educação são utilizados como meios para o alcance de outros objetivos, por exemplo, a educação burguesa para os negócios.

CENA H: Nos primeiros dias de aula na Universidade, clubes e grupos de estudo dos mais variados são apresentados aos calouros numa espécie de feira, para que estes se associem a um ou mais grupos de acordo com seus interesses.



Imagem 12. Stallard, Montague e Abrahams na feira de grupos da universidade.

“Abrahams *(olhando alguns cartões que seu amigo Aubrey Montague lhe entrega):*

- Clube de rugby, sociedade de golfe, tênis, clube de squash, flora e fauna, filatelia.

Isso é tudo? Você é um folgadão! *(Referindo-se a Montague com ironia).*

Montague: - Tenho de estudar também.

Stallard: - Observação de aves... leve um livro.

Montague: - Como posso observar se estou lendo?

Membro do clube de críquete: - Quem quer formar um clube de críquete?

Stallard: - Nem sei dar uma tacada na bola.

(Os três continuam andando até chegar a dois alunos cantando):

Na cena da batalha,
enfrentaram o inimigo juntos.
Lá os filhos de todas as mães,
se preparam para lutar ou morrer.
O inimigo de um é o inimigo de todos.
O inimigo de um é o inimigo de todos.

Abrahams *(apresentando-se aos dois alunos que estavam cantando):*

- Abraham, H. M.

Clube 1: - Canta como tenor?

Clube 2: - Estamos desesperados por tenores.

Abrahams: - Só se me torturem. Aubrey. Você canta, não?

Montague: - No coro da escola só.

Abrahams: - Você, Stallard?

Stallard: - Eles me expulsaram das cantigas de roda.

Abrahams: - Lamento saber. Nem todos nós temos dons.

(Neste instante Abrahams começa a cantar): - Se todo mundo e alguém,

(Logo em seguida, como se tivesse dado uma introdução à música, Abrahams é acompanhado pelos dois rapazes do clube): - Ninguém é ninguém.

Abrahams *(apontando para Montague):* - Escreva que meu amigo canta bem.

Montague: Calma aí.

Clube 2: - Ótimo! Os ensaios começam na segunda. *Iolanthe*.

Montague: - Eu era contralto quando menino.

Abrahams *(tirando sarro de Montague):* - Perfeito! Pode ser a Rainha das Fadas”.

Outra cena interessante, anterior àquela do jogo de críquete, que retrata a formação destes laços criados entre iguais, é a cena em que nos primeiros dias de aula, os novatos têm acesso a todos os clubes e ligas que a universidade oferece. Como em uma feira, há barracas dos mais variados clubes, ligas e grupos de estudos nos quais os novatos se inscrevem de acordo com seu interesse, podendo assim conhecer novas pessoas e formar novos vínculos.

Desde os primeiros dias de universidade os calouros têm a oportunidade de entrar em grupos de sua afinidade, conhecendo novas pessoas e formando novas amizades, ampliando, desta forma, sua rede de contatos. Esta é mais

uma forma da educação intervir na formação do burguês, colocando -lhe o amadorismo e a importância das relações que ali serão formadas, as quais futuramente serão levadas para fora da universidade, seja numa possível aliança industrial, numa futura sociedade, em acordos comerciais ou até no estabelecimento de laços mais íntimos entre famílias, por meio de casamentos, uma vez que passam a freqüentar a casa e a conhecer não somente os amigos de faculdade, mas toda a sua família.

Voltando à discussão sobre o amadorismo representado por Lindsay, além da cena do jogo de críquete, duas outras cenas do filme nos mostram claramente sua posição amadora em relação ao esporte. Em uma delas Lindsay e Sibyl, uma cantora pela qual Abrahams se apaixona, tomam chá em sua casa e conversam sobre Abrahams. Sibyl tem medo de perdê-lo por ele estar “fissurado” no esporte e Lindsay explica a ela a posição de Abrahams de ganhar a qualquer custo, a qual é diferente da sua, em que o esporte é diversão.

CENA I: Sybil e Lindsay tomam chá em campo aberto na casa de Lindsay e conversam sobre Abrahams.



Imagem 13. Sybil e Lindsay conversando sobre Abrahams.

“Syb: - Andy, eu o perdi. *(referindo-se a Abrahams).*

- Não consigo alcançá-lo.

Lindsay: - Você irá, amiga. Você irá. *(tentando acalmá-la).*

Syb: - Ele diz que precisa me tirar da mente. Ele não pode me amar dizendo isso. *(Levantando-se da mesa).*

Lindsay (*levanta-se e segue caminhando com Syb em direção a casa*): - O mundo está contra ele, ou ele assim o crê. Agora ele tem a chance de se provar. Ele não consegue ver nada além disso, nem mesmo você. É duro, eu sei, mas deve tentar entender.

Syb: - Por que devo?

Lindsay: - Porque ele é que você quer, não é ele?

Syb: - E o que devo dizer de você? E Stallard e Aubrey? Você ainda é o mesmo. A chance está lá para você também.

Lindsay: - Não a chance de ser o mais veloz. O homem mais veloz que já houve.

(Vestindo um hobby branco, pés no chão e um cigarro, enquanto caminha com Syb, Lindsay olha para um longo campo aberto e gramado, havia, do lado direito um lago e algumas barreiras de corrida, ao fundo algumas árvores e do lado esquerdo, vindo em direção às barreiras e ao lago, um homem tentando andar de bicicleta enquanto outros dois homens o ajudam).



Imagem 14. Vista do terreno da casa de Lindsay.

Lindsay (*vendo tal cena, comenta com Syb*): - Papai nunca vai aprender a pedalar. (*E voltando-se para Syb*): – Isso é imortalidade. Pense o que significa para um homem como Harold. Bem, para mim a coisa toda é diversão. Não preciso disso. “Deixe de lado o cuidado” e tudo isso. Mas para Harold, é um a questão de vida ou morte.

Syb: - Tudo que posso fazer é esperar?

Lindsay: - É. E rezar para que ele vença!

Syb: - E se ele não vencer?

(Logo após a saída de Sybil, Lindsay se dirige ao campo onde se encontram as barreiras).

(Acabando de encher uma taça de champagne que está em cima de uma barreira, o mordomo vira-se para a direção em que Lindsay se encontra): - Pronto, meu senhor.

Lindsay (referindo-se ao mordomo): - Agora, se eu derramar uma gota quero que me diga. Tocar pode, derramar, não.

(A cena segue com Lindsay saltando s barreiras, todas com taças de champagne em cima).



Imagem 15. Lindsay saltando barreiras.

Diferentemente de Abrahams, Lindsay não quer provar nada através do esporte, para ele trata-se apenas de diversão e uma forma de se socializar com seus amigos, como também de formar novas amizades e novos laços. No entanto, além de o diálogo deixar clara sua posição amadora e contrária à posição de Abrahams, a cena mostra sua casa e sua relação com o esporte, no momento em que, logo após seu diálogo com Sibyl, corre saltando barreiras com taças cheias de *champagne* em cima de cada uma delas. Esta cena retrata o caráter amador de Lindsay em relação ao esporte, aliando este sempre à diversão e a um estilo de vida peculiar da aristocracia, no qual se baseia a burguesia para a elaboração de um “estilo de vida burguês”, o qual somente é possível através do enriquecimento desta mesma classe.

O estilo das casas suburbanas, assim como a de Lindsay, torna -se comum entre os burgueses neste período. Para Hobsbawm (1992), no início d o século XX, a casa ideal para este grupo social burguês não se caracterizava simplesmente como uma casa ou apartamento na cidade, mas sim como uma casa de campo urbanizada, “[...] subúrbios construídos especificamente para remover as classes médias da proximidade de seus inferiores.” (HOBSBAWM, 1988, p. 235). Este novo

estilo de vida, da casa e jardins suburbanos, serviria mais como uma maneira para que pudessem se estruturar como agrupamento social. Nestas casas, a vida privada era inseparável da vida pública, servindo como forma de demonstrar o prestígio e os recursos de um membro da elite aos membros das classes inferiores, além de manter as relações públicas, organizando o jogo de interesses da classe.

A outra cena que coloca Lindsay como um nobre pertencente à aristocracia, conforme havíamos dito, trata-se de uma cena já citada anteriormente, na discussão acerca do personagem Liddell, a qual retrata seu dilema, recusando-se a correr no dia sabático, sagrado em sua religião e tem o problema resolvido por Lindsay que, num ato de cavalheirismo, cede sua corrida para o amigo, uma vez que já havia ganhado sua medalha, demonstrando mais uma vez sua atitude amadora.

Estas cenas colocam em conflito exatamente os ideais amadores e profissionais, ao destacar as atitudes de Lindsay, típico aristocrata. Tais atitudes se confrontam com as de Harold Abrahams, judeu que pretende fazer parte desta classe social, mas que possui valores, em relação ao esporte, mais próximos dos valores do profissionalismo.

Lindsay, portanto, representa o legítimo inglês, membro da aristocracia, um homem sociável, coligado, sendo seu principal desejo expandir suas redes sociais, utilizando o esporte como importante meio para tal. Com isso, podemos dizer que Lindsay assumiu um caráter esportivo amador, no qual o esporte é apenas diversão e meio para atingir seus objetivos sociais na formação de laços entre “iguais” e na manutenção de sua posição aristocrata. No filme este fato é observado por meio dos diálogos e das cenas mencionados, suas relações com os colegas de universidade, nos cenários nos quais aparece, por exemplo, sua casa suburbana, restaurantes, teatro, bem como por meio de seu figurino, estando sempre bem arrumado, com roupas bastante refinadas e adereços como cachecol, chapéu ou ainda em alguns outros detalhes, como o *champagne*, quase sempre presente.

6.3. Harold M. Abraham

“Eu me sinto um estrangeiro.
Passageiro de algum trem,
que não passa por aqui,
que não passa de ilusão”.

(A Revolta dos Dandis -
Engenheiros do Hawaii).



Imagem 16. Harold M. Abrahams.

CENA J: Abrahams e Montague chegam à Faculdade Caius,
Cambridge.



Imagem 17. Abrahams e Montague conversando com o porteiro da universidade.

“Porteiro: - Nome, por favor?

Abrahams: - Somos novos.

Porteiro: - Estou vendo rapazinho. Seu nome?

Abrahams: - Abrahams, H. M.

Porteiro: - Topo da lista. Repton. É aquele?

Abrahams: - É aquele, saiu há um ano.

Porteiro: - Cumprindo seu dever... França?

Abrahams: - Não. Ingressei tarde demais.

Porteiro: - Que azar, não, rapazinho.

Abrahams: - Muitos mortos gostariam de ter tido este azar.

Assistente: - Nisso você está certo, filho.

Porteiro: - Bem-vindo a Caius. Assine aqui.

Abrahams: - Obrigado.

Porteiro: - Vá pelo pátio, topo do canto direito, suba as escadas.

Abrahams: - Obrigado. E como se chamam?

Porteiro: - Rogers, porteiro chefe, e o Sr. Ratcliffe, meu assistent e.

Abrahams: - Bem, Sr. Rogers, Sr. Ratcliffe, deixei de ser um “rapazinho” quando ingressei no exército. Está claro?

Porteiro: - Sim, Sr. Abrahams. Bem claro.

Abrahams: - Obrigado. Ficaria grato se lembrassem disso. Até logo. (*referindo-se agora a Montague*).

Montague: - Está bem.

Porteiro (*para Montague*): - O que seu amigo está estudando, então, filho? Direito de discussões?

Montague: - Não tenho a mínima idéia.

Porteiro: - Uma coisa é certa. Com um nome como Abrahams, ele não estará no coro da capela, estará?”

CENA K: pátio lotado de estudantes, Abrahams vai participar da corrida da faculdade.



Imagem 18. Abrahams ouvindo as regras da corrida da faculdade.

D1 = Diretor 1.

D2 = Diretor 2.

“Juiz (*pedindo silêncio a todos*): Certo, rapazes, obrigado! Obrigado. H. M. Abrahams da Faculdade de Gonville e Caius se inscreveu para a corrida da Faculdade.

Estudante: - Mostre a eles, Harold!

Juiz: - Para quem não conhece os regulamentos. O competidor vai tentar correr em volta do perímetro do pátio, saindo de um ponto abaixo do relógio e chegando antes do fim das badaladas do meio-dia. Uma distância tradicionalmente reconhecida como um dos 188 passos.

Estudante: - Abrahams, o que você tem nos pés? Foguetes? (*risos*).

Juiz: - A corrida começará em...

Estudante (*interrompendo o juiz*): - Abrahams, você não tem chance alguma!

- Faça por Israel!

Juiz: - A corrida começa na primeira badalada. O competidor deve terminar antes da 12ª badalada.

Estudante: - Vamos, Abraham, seu pretencioso! (*risos*).

Juiz: - O competidor quer por favor se aprontar?

(*Abrahams tira o casaco e começa a se aprontar*).

(Olhando pela janela do escritório, os dois diretores da universidade comentam o fato).



Imagem 19. Diretores da faculdade observando a corrida da janela de sua sala.

D1: - Este Abrahams. O que você sabe sobre ele?

D2: - Aluno de Repton. Judeu. O pai é homem de finanças em Londres.

D1: - Homem de finanças? O que significa isto?

D2: - Eu imagino que empresta dinheiro.

D1: - Exatamente. E o que dizem sobre o filho?

D2: - Academicamente são. Arrogante. Defensivo ao ponto de belicoso.

D1: - Como o são invariavelmente.

D2: - Possui, entretanto, um senso agudo de dever e lealdade.

D1: - Dizem que ele corre bem?

D2: - Como o vento.

(A cena volta para o pátio, o juiz traça uma linha de partida no chão e se dirige aos estudantes).



Imagem 20. Juiz dando as últimas instruções sobre a corrida.

Juiz: - Cavalheiros, se afastem, por favor? Se afastem da pista. Obrigado. Sr. Abrahams, em sua posição. *(dirigindo-se a Abrahams)*. Devido à ausência de outro competidor o Sr Abrahams correrá sozinho. *(dirigindo-se aos estudantes novamente)*.

Lindsay *(vindo da multidão)*: - Não é bem assim, Sr. Iniciador!

Juiz: - Seu nome e faculdade, por favor.

Lindsay *(tirando seu casaco, cachecol e chapéu e entregando aos estudantes em volta, juntamente com uma garrafa de champagne)*: - Lindsay. Vou correr ao lado do meu amigo aqui. Competimos em nome de Repton, Eton e Caius. *(os estudantes batem palmas)*.

Abrahams: - Não sabia que você corria.

Lindsay: - Nem eu sabia de você. Acabei de saber. Pensei em correr junto para lhe incentivar.

Abrahams: - Encantado.

Lindsay: - Esplêndido.

Abrahams: - Boa sorte.

Juiz: - Cavalheiros, nas suas marcas, por favor. Lembrem-se, na primeira badalada das 12 horas.

(Ambos se preparam. O relógio marca 12 horas e os dois saem. Abrahams chega na frente, um pouco antes da 12ª badalada. Todos que estavam assistindo comemoram gritando, batendo palmas e jogando os chapéus para cima.)



Imagem 21. Alunos comemorando a vitória e o feito de Abrahams na corrida.

(A cena volta para os diretores que observavam da janela).



Imagem 22. Diretores conversando sobre a vitória de Abrahams na corrida.

D2: - Os dois conseguiram?

D1: - Acho que não. O jovem Lindsay perdeu por um fio.

D2: - Que pena.

D1: - Bem, foi feito. E por um homem de Caius! Deve estar orgulhoso. O primeiro homem em sete séculos. No final das contas, talvez sejam mesmo o povo escolhido por Deus. Duvido que haja um homem mais rápido no reino.”

Assim como ocorre com Liddell e com Lindsay, com Abrahams não seria diferente. As cenas acima são praticamente as primeiras vezes que Abrahams aparece no filme e nos apresentam este personagem. Sempre muito sério e enérgico, desde o início, essas são as principais características nos dadas, pelo diretor, para identificarmos as origens do personagem. Ao prestarmos um pouco de atenção nos diálogos acima, fica claro que Abrahams era judeu e, talvez por este fato, desconfiasse de todos, ao pensar que as pessoas lhe analisariam e julgariam por isto.

Cena que nos mostra este exato sentimento, a sensação de dor e de abandono, percebendo uma relutância num aperto de mão ou então a agudeza de um comentário, trata-se da conversa que tem com seu amigo Aubrey Montague explicando - lhe exatamente o que sente pelo fato de ser judeu e o que esp era conseguir na Universidade e no esporte.

CENA L: Abrahams conversa com seu amigo Aubrey Montague sobre sua posição e seus sentimentos referindo -se a como os outros o enxergam pelo fato de ser judeu e de o tempo todo ter de provar algo.



Imagem 23. Abrahams e Montague conversando próximo à lareira.

“Abrahams: - É uma dor. Uma sensação de abandono. *(Suspirando continua)*. E uma raiva. Você se sente humilhado. Algumas vezes digo a mim mesmo, “Alcalme -se, está imaginando tudo isto”. Então eu vejo aquele olhar outra vez. Vejo -o na agudeza de um comentário. Sinto um fria relutância num aperto de mão.

(Os dois bebem algo em suas canecas e olhando para um retrato em cima da lareira Abrahams continua): - Esse é meu pai. Um judeu lituano, Ele é estrangeiro. Como uma salsicha alemã.

Montague *(também olhando para a foto e como se estivesse pensando alto):*

- Uma salsicha “Kosher”!

(Os dois se olham e riem).

Abrahams: - Eu o amo e o admiro. Ele ama este país. Do nada, ele construiu o que acreditava para fazer dos filhos *verdadeiros ingleses*. Meu irmão é médico. *(colocando a caneca no chão, levanta e pega a foto em cima da lareira)*. Líder no seu Campo.

Montague *(olhando a foto):* - Qual é ele?

Abrahams: - Esse sou eu, nas costas dele *(apontando na foto)*. Não faltava nada a ele. E aqui estou eu. Me instalando na melhor uni versidade do país.

A cena continua numa espécie de capela, onde os dois continuam a conversar andando.

Abrahams: - Mas o velho se esqueceu de uma coisa. Esta Inglaterra dele é um país cristão e anglo-saxão. E também o são os corredores do poder. E aqueles que por lá andam os guardam com ciúme e veneno.

(Montague sorri e entrega um livro para Abrahams).

Montague: - Você está certo em estudar direito. Você é quase advogado.

Abrahams: - Uma rara vantagem étnica. Se chama o talento de persuadir.

Montague *(saindo do local onde estavam):* - E agora? Sorrir e suportar?

Abrahams: - Não, Aubrey. Vou desafiá-los. A todos eles. Um por um. E vou vencê-los na corrida.”

(Logo após este diálogo, aparecem cenas de Abrahams escrevendo matérias sobre si mesmo para diferentes jornais, e também cenas de corrida e treinos com uma música de fundo fazendo alusão à sua condição de judeu, porém inglês).



Imagem 24. Matérias sobre Abraham publicadas no jornal.

(Música):

“Ele é inglês!

Ele é inglês!

Pois ele mesmo o disse.

E para ele é uma grande honra.

Ele é inglês!

Mas apesar das tentações.

De pertencer a outras nações.

Ele continua sendo inglês.

Ele continua sendo inglês”.

Percebe-se que apesar do estilo de vida burguês, estudar na melhor Universidade da Inglaterra, o irmão ser formado em medicina, dentre outros fatores que o colocam como um membro da burguesia, Abrahams sente certo preconceito, que é de certa forma velado, por parte de seus colegas e de outras pessoas, como vimos nas primeiras cenas em que aparece no filme. A partir disso, Abrahams utilizará o esporte para desafiar a todos e conseguir se provar melhor.

Outra cena interessante e que também retrata o modo como Abrahams vê o fato de ser judeu e como o esporte o ajudará a superar tal obstáculo, é quando sai para jantar com Sybil, uma cantora que conheceu durante uma apresentação e que, no desenrolar do filme, acabará como sua namorada.

CENA M: Abrahams sai para jantar com Sybil, uma cantora muito bonita por quem Abrahams se apaixona e que se tornará sua futura namorada.



Imagem 25. Abrahams e Sybil jantando.

“Syb (tom de admiração, porém bem descontraída): - Bem, o grande Harold Abrahams. Meu irmão vai ficar doido de ciúme.

Abrahams: - O meu também vai.

Syb: - Você não parece muito cruel.

Abrahams: - Devo ser?

Syb: - De acordo com meu irmão. Diz que é a razão de você ganhar sempre. Por que correr?

Abrahams: - Por que cantar?

Syb: - Meu trabalho. *(Respondendo imediatamente. Depois pensando um pouco melhor):* - Não, isso é tolice. Canto porque adoro cantar. Adora correr?

Abrahams: - Sou mais um viciado. É uma obrigação. Uma arma.

Syb: - Contra o quê?

Abrahams: - Ser judeu, suponho.

Syb, dando risada: - Não está falando sério?!

Abrahams sério: - Você não é judia, ou então você não perguntaria.

Syb: - Tolices! O povo não se importa. *(Olhando-o como se o estivesse avaliando).* De qualquer modo, ser judeu não lhe tem feito nenhum mal.

Abrahams: - Sou o que chamo de meio-carente.

Syb: - Soa inteligente. O que significa?

Abrahams: - Significa que me levam à água, mas não me deixam beber.

Syb: - O senhor é estranho, Sr. Harold Abrahams. Estranho, mas fascinante.

Abrahams: - Fico com o fascinante.

(Os dois olhando nos olhos e falando em tom romântico).

Syb: - A vida não é assim tão sombria, é?

Abrahams: - Não na noite de hoje.

(Faz-se uma pausa entre os dois).

Abrahams: - Você é tão linda!

Syb: - Como você."

Neste diálogo, ao ouvi-la dizer que não devia se lamentar tanto, visto que possuía tudo o que queria, Abrahams se auto-retrata como "meio carente" com o uso de uma metáfora, dizendo que lhe dão a água, mas não o deixam bebê-la, remetendo-se ao fato do preconceito contra o judeu, um grupo minoritário que teria uma ligação especial com o capitalismo no que diz respeito ao acúmulo de capital, com redes fechadas de lealdade e transações comerciais e, segundo os ideais amadoristas e burgueses vindos da aristocracia, um comportamento direcionado pelo bom comércio acima de tudo, acima do que realmente importava à burguesia em questão, que seria o estabelecimento e a melhoria das relações sociais dentro da própria classe, bem representado pelo amadorismo e pelo personagem Lindsay.

Sendo assim, para Abraham, além do acesso à classe burguesa dado pela educação (Universidade), o esporte (correr) era mais uma arma contra ser judeu, uma forma de se provar melhor, de se legitimar nesta mesma classe, afinal, seguindo as idéias de Pierre de Coubertin, não existe nada mais democrático que o esporte, pois dentro deste, não importa quanto capital se possua ou a qual linhagem (família, nome) se pertença, mas sim o esforço de cada um, que é o caminho para se conseguir o que deseja. Neste mesmo raciocínio, numa prova de corrida, o que determina o vencedor seria apenas o seu próprio esforço: idéia da "democracia do esforço", na qual todos podem ser iguais; ideal de igualdade, romântico, remetendo -se à Revolução Francesa.

Contudo, ao continuar com esta obsessão pela vitória, Abrahams contrata um treinador profissional, Sr. Mussabini, trilhando um caminho mais próximo do

profissionalismo, rejeitado e banalizado pela burguesia e aristocracia. Tal atitude e o fato de ser judeu geram ainda mais desconfiças para si, como podemos observar numa conversa que Abrahams tem com os diretores da faculdade.

CENA N: Abrahams conversa com os diretores da Universidade.



Imagem 26. Abrahams conversando com os diretores da faculdade.

D1: - A vida passa, Abrahams. A vida passa. Mas esta nossa antiga universidade oferece alguns raros consolos.

Abrahams: - Além da conta, senhor.

D1: - Entendo então que você ficaria seriamente ferido em descobrir que seu comportamento ou ato da sua parte a estava afligindo?

Abrahams: - Naturalmente, senhor. Profundamente.

D1: - Bom. Eu estava certo disso. Aqui em Cambridge, sempre ficamos orgulhosos de proezas atléticas. Cremos, sempre cremos, que nossos jogos são indispensáveis para ajudar a completar a educação de um inglês. Eles formam o caráter. Eles fomentam a coragem, honestidade e liderança. Mas acima de tudo, um impregnável espírito de lealdade, camaradagem e responsabilidade mútua. Concorda?

Abrahams: - Sim, senhor. Concordo.

D1: - Lamento, mas existe uma suspeita crescente no seio desta universidade e lhe digo isso sem de modo algum depreciar seus feitos, em que todos nós rejubilamos que no seu entusiasmo pelo sucesso você talvez tenha se distanciado desses ideais.

Abrahams: - Permita-me perguntar-lhe que forma tem esta deslealdade, esta traição?

D1: - Oh, mal é uma traição!

Abrahams: - A palavra aflição foi mencionada.

D2: - Dizem que você usa um treinador pessoal.

Abrahams: - Sr. Mussabini, sim.

D1: - Ele é italiano?

Abrahams: - De descendência italiana, sim.

D1: - Entendo.

Abrahams: - Mas não de todo italiano.

D1: - Estou aliviado de ouvir isto.

Abrahams: - Ele é meio árabe!

(Os diretores se entreolham e o D2 se refere à Abrahams).

D2: - Devemos entender que emprega este Sr. Mussabini como profissional?

Abrahams: - Sam Mussabini é o melhor, o mais avançado do treinador de atletismo e de mente mais clara do país. Sinto-me honrado pela atenção dele.

D2: - Não obstante, ele é um profissional.

Abrahams: - O que mais ele poderia ser? *(indignado com a colocação do diretor)*. Ele é o melhor.

D1: - Ah, mas é aí, Sr. Abrahams, que lamento, mas nossos caminhos divergem. Você vê, esta universidade crê que o caminho do amador é o único que propicia resultados satisfatórios.

Abrahams: - Eu sou um amador.

D1: - Sendo treinado por um profissional. Você adotou uma atitude profissional. Durante o ano, você tem se concentrado em desenvolver sua própria técnica indo impetuosamente ao enalço, de glória individual. Não é muito uma norma que conduz muito ao fomento de espírito de equipe.

Abrahams: - Sou Cambridge em primeiro e último lugar. Eu sou inglês em primeiro e último lugar. O que tenho conseguido, o que pretendo conseguir, é para minha família, minha universidade e meu país. E fico amargamente ressentido que insinue o contrário.

D2: - Sua meta é ganhar a todo custo, não é?

Abrahams: - A todo custo, não. Mas minha meta é ganhar dentro das regras. Queria que competisse como cavalheiro e perdesse?

D2: - E não como comerciante, sim.

D1: - Meu caro, sua abordagem tem sido, me permita dizer, um pouco plebéia demais. Você é a elite e, portanto, espera-se que se comporte como tal.

(Abrahams limpa o canto da boca com um guardanapo de pano, enquanto pensa. Depois levanta-se, ajeita a cadeira próximo à mesa e dirige-se aos diretores).

Abrahams: - Obrigado, senhor, pela sua hospitalidade. Foi uma conversa de muita ilustração para mim. Boa noite, senhor.

(Estava quase saindo quando volta-se aos diretores).

Abrahams: - Sabem, cavalheiros, aspiram a vitória, tanto quanto eu. Mas conseguida com aparente falta de esforço dos deuses. Seus valores são os valores arcaicos do

pátio de recreio do primário. Não enganam a ninguém mas a si mesmos. Creio na busca da excelência e carregarei o futuro comigo.

(Neste instante Abrahams vira-se e sai da sala sem nem olhar para trás. Os diretores ficam olhando Abrahams sair da sala e comentam quanto este sai).

D1: - Bem, lá vai seu semita, Hugh. Um deus diferente. Um topo de montanha diferente.

Como citado anteriormente, Abraham se aproxima de ideais inovadores à época descrita no filme, que seriam os ideais do profissionalismo no esporte, que, para ele, seria a melhor maneira de alcançar seu objetivo, o de pertencimento pleno da classe burguesa. Através da corrida e da Universidade, Abraham pode provar para si e para a sociedade burguesa, que, apesar de ser judeu, ainda assim continua sendo um inglês, no sentido de poder ser considerado um “legítimo” burguês.

No entanto, no diálogo acima, pode-se ver a oposição entre amadorismo e profissionalismo, uma vez que os diretores da Universidade defendem o amadorismo como prática esportiva ideal, dizendo que os jogos são indispensáveis para completar a educação de um inglês, que no caso seria o burguês “legítimo”, pois formam o caráter e fomentam a coragem, a honestidade, a liderança e acima de tudo o espírito de lealdade, camaradagem e responsabilidade mútua. Os diretores criticam o comportamento de Abraham ao contratar um treinador profissional, colocando que a busca pelo sucesso o fez se distanciar destes ideais.

Os amadores não deverão competir “para as galerias”, com o objetivo de merecer aplauso público. As apreciações dos espectadores deverão ser ouvidas, simplesmente, e passadas por alto. (RUBI, 1934, p. 48).

Ainda neste diálogo, os diretores dizem que crêem no caminho proporcionado pelo amadorismo, o qual seria o único que propicia caminhos satisfatórios para os objetivos do burguês e que o verdadeiro esportista deve competir como cavalheiro e não como comerciante, referindo -se ao fato de Abrahams ser judeu e criticando a condição como ascendeu socialmente, através do capital adquirido por seu pai como comerciante, dizendo que a atitude de Abrahams se configurava como

uma atitude plebéia, distante da atitude nobre de um inglês, verdadeiro membro da burguesia. Abrahams coloca, então, que não pretende vencer a todo custo, mas ganhar dentro das regras do esporte, demonstrando seus valores ligados ao profissionalismo.

Diante do exposto, fica clara a principal discussão que o diretor pretende expor com o personagem de Abrahams, que seria o caráter profissional, o qual vinha, aos poucos, ganhando espaço no esporte. Apresentado como um homem excluído e despatriado pelo fato de ser judeu, o maior desejo de Abrahams era pertencer à burguesia definitivamente, e mais, se provar melhor que todos, vencendo-os na corrida.

Seu objetivo, portanto, era por meio do esporte, alcançar o pertencimento social. Seu estilo sério, concentrado e objetivo, é demonstrado no filme através de seus diálogos, dos lugares que frequenta, sempre ambientes urbanos, mas que, ao mesmo tempo, representam formas de pertencimento à burguesia, como por exemplo, a Universidade, restaurantes, teatros, pistas de atletismo (representando o esporte), como também através de seu figurino, estando sempre bem vestido, porém com roupas simples, sem muitos adereços como chapéu, charuto, dentre outros encontrados em Lindsay. Outro fato que nos mostra este medo e receio com o que as pessoas pensam de si são suas relações, uma vez que mantém maior proximidade e contato apenas com Sibyl e com seu amigo Aubrey Montague, mantendo certa distância e desconfiança para com outras amizades e contatos.

Concluimos, portanto, que o caráter esportivo adquirido por Abrahams é um caráter “quase” profissional, não o sendo de todo, pois ainda guardava algumas características amadoras, como a lealdade, o sentimento de ser inglês e o próprio estilo de vida burguesa, estudar numa Universidade e principalmente poder se dedicar ao esporte sem ter que receber por isso.

Pensando nas características apresentadas por Guttman, Abrahams encarna certamente o espírito do esporte moderno, tendendo ao profissionalismo, diferentemente de Liddell e Lindsay. Exatamente por tender a este novo ideal esportivo e por utilizá-lo como meio para pertencer, é que este personagem nos traz uma discussão muito interessante sobre o esporte como meio para a inclusão social, visto também que nos dias atuais este parece ser o principal discurso presente no esporte.

Existem os jogos paraolímpicos e parapanamericanos, visando a participação e a inclusão dos portadores de deficiência. Há também, sem dúvida, a inclusão social das classes mais baixas e menos favorecidas, através de projetos sociais¹³ e sem dúvida o pertencimento social a uma classe, através do sucesso adquirido em determinada modalidade esportiva, conquistando dinheiro e fama, fato muito comum no futebol profissional atual. Sendo assim, o esporte passa a ser encarado como um “trampolim social”, facilitando a ascensão e proporcionando o reconhecimento e o pertencimento social, característica esta, que poderia ser incluída no esporte moderno ou mesmo fazer parte da definição de um “esporte contemporâneo”.

¹³ Em sua grande maioria as políticas públicas de esporte são tratadas de forma a apenas tirar as crianças da rua e evitar assim que se marginalizem, trabalhando com o esporte a favor da manutenção da ordem.

7. “Os Carruagens de Fogo”.

“A memória é uma ilha de edição.”
(Vinheta - O Rappa / Waly Salomão).

Aqueles que já tiveram a oportunidade de conhecer como funciona uma ilha de edição¹⁴ não de concordar plenamente com Waly Salomão ao pensar nesta analogia por ele proposta. Na memória, assim como em um programa de edição, são poucos os limites, aliás, na memória esses realmente não existem. Podemos recortar daqui e colar ali, aumentar e diminuir, passar mais rápido, mais devagar, de trás para frente e até mesmo inventar coisa novas. Enfim, fazemos muitas coisas com as imagens guardadas em nossa memória para construir, desconstruir e reconstruir os fatos, acontecimentos e experiências que queremos lembrar, representar ou ainda documentar.

No cinema as coisas funcionam mais ou menos como na memória, e o editor, o responsável pelo objeto final (o filme) e por aquilo que este representa é o diretor¹⁵. Sendo assim, podemos dizer que encarar o cinema como uma produção humana, como arte, é encará-lo como fruto de uma cultura e que traz consigo impressões e marcas de uma sociedade.

O esporte, por sua vez, assim como o cinema, deve ser encarado como uma produção humana, fruto de uma cultura e carregado de símbolos e significados que nesta estão presentes. Podemos dizer, portanto, que o esporte é responsável por gravar e deixar marcas civilizatórias nas pessoas, educando -as, ou seja, formando seu

¹⁴ Uma ilha de edição é um sistema de interligação de aparelhos de áudio e vídeo a um computador com a finalidade de montar materiais gravados. As matrizes são colocadas no computador através dos aparelhos a ele conectados e no computador este material é editado através de um *software*. Terminada a edição o produto final é gravado em mídia para que possa ser veiculado, podendo ser um CD, um DVD, uma fita cassete e ou ainda uma película (material utilizado no cinema).

¹⁵ Segundo Almeida (2001), no cinema o conceito de autoria é um pouco diferente do aplicado em outras artes, nas quais apenas uma pessoa é responsável por todo o processo que resultará no objeto final do trabalho. Para que um filme fique pronto são necessárias diversas pessoas, cumprindo tarefas diferentes e as quais, em sua maioria, não têm conhecimento do todo. Isto se faz necessário uma vez que o diretor não tem conhecimento e domínio de tudo, porém quanto maior for o seu domínio sobre todo o processo, maior será a marca pessoal que este deixará sobre o objeto final, ou seja, mais ele se aproximará do ser autor no sentido pleno, trazendo ao espectador a sensação de estar diante de algo artístico.

caráter. No filme, podemos pensar que o esporte “marca” os três personagens por nós apresentados de maneiras diferentes, ou seja, não há apenas um caráter esportivo. Cada personagem, a partir de sua história e ideais, encontra no esporte uma possibilidade de reconhecimento de sua própria cultura, seja ela religiosa ou social.

Liddell nasceu no oriente, filho de pais escoceses e missionários, uma cultura diferente que acabou por influenciar sua apropriação do esporte, utilizando -o como meio de sentir a manifestação divina e honrar a Deus com seu dom, a velocidade, assumindo um caráter esportivo natural, aproximando sua prática com uma verdadeira expressão de fé. Lindsay por sua vez, inglês, membro da aristocracia, recebeu influências de outra cultura, passando a encarar o esporte como diversão e meio para estabelecer e manter relações sociais e assim ampliar os laços entre “iguais”, assumindo um caráter esportivo amador.

No entanto, o problema se instala quando o esporte encontra alguém que, a priori, aparece sem história, sem casa, sem família, “sem cultura” reconhecida (Abrahams). Inglês, porém judeu, Abrahams sofre com o preconceito ligado à sua origem, principalmente pela ligação desta com a maneira que ascendeu à classe burguesa (o comércio de seu pai). Ao encontrar este personagem fragilizado psicologicamente, o caráter do esporte profissional vem à tona. Neste caso, o esporte trata-se de um lugar onde Abrahams pode encontrar algum reconhecimento.

Em termos históricos, é interessante pensarmos que, neste momento (começo do século XX), o mundo está passando por uma série de transformações e, sobretudo, ondas imigratórias. O neo-colonialismo e as guerras geraram um amplo número de pessoas exiladas. Não é por acaso que o caráter esportivo profissional, no filme, está vinculado ao personagem do judeu, um grupo minoritário, sem pátria definida e que constituíram verdadeiras redes fechadas de ajuda mútua e lealdade, ascendendo socialmente e conquistando o nível da classe burguesa.

Ao colocar Abrahams como protagonista, o diretor parece defender a tese de que o esporte moderno, nas Olimpíadas de Paris, passou por uma transformação de sentido. Abrahams é o protagonista e porta-voz de um novo padrão esportivo de comportamento, de um novo caráter formado por meio do esporte. A partir desta Olimpíada começa a haver uma tendência para o profissionalismo, o qual foi

ganhando força e evoluindo até chegar como o conhecemos em nossos dias, dominando praticamente todas as modalidades esportivas. No entanto, ainda é possível observar modalidades que alguns elementos do amadorismo estão presentes, como por exemplo, o hipismo, no qual não basta apenas a vontade, pois o estilo de vida e a formação são importantíssimos. Observando -se as roupas utilizadas pelos praticantes, o alto custo de um cavalo, bem como o custo para manter o animal, podemos concluir isto. São diversos os fatores envolvidos na prática que limitam o acesso de qualquer pessoa, estando em condições de praticar tal modalidade apenas uma pessoa que atenda a determinadas exigências, neste caso membros de uma classe favorecida.

A partir da idéia de mudança de rumos no esporte e no caráter esportivo assumido pelos atletas a partir dos jogos olímpicos de 1924, podemos pensar que o homem esportivo do futuro é um despatriado, um homem sem lugar e sem história, ou seja, o esporte, apesar de ser demonstrado debaixo de um signo nacionalista, é praticado por homens que abrem mão de sua pátria por uma necessidade de ser incluído num sistema, seja ele social, financeiro ou ainda a união de ambos. O esporte passou a ser praticado com valores deste homem migratório, que perdeu seu lugar, ou seja, o estrangeiro despatriado (que quer se incluir) seria a própria condição do homem esportivo.

Nos dias atuais isto é visto com freqüência, sobretudo no Brasil, no momento em que jogadores de futebol¹⁶ deixam seu país para defender times estrangeiros, vivendo nestes países e voltando cada vez menos ou mesmo não voltando ao seu país de origem. Em alguns casos tais atletas se naturalizam ou pedem cidadania estrangeira, vindo a defender, inclusive, outras seleções que não a sua de origem. Este fato ocorre por diversos fatores que podem ser a fama, o dinheiro ou simplesmente o fato de este atleta dificilmente ter a chance de defender sua seleção enquanto em outro país esta oportunidade lhe é oferecida. Outro fator interessante diz respeito aos grandes e rentáveis patrocínios, os quais, com um contrato de exclusividade, fazem do atleta um verdadeiro homem despatriado, ficando a mercê de seu patrocinador e “migrando” para onde este vê interesse. O atleta passa a estar sob o

¹⁶ O futebol é o exemplo mais comum, porém este fato também ocorre, embora em menor escala, com outras modalidades.

signo de uma empresa/laboratório multinacional e não mais de um país, de uma nação. Sendo assim um novo conceito de nacionalidade é criado, trazendo novas discussões sobre pertencimento e rumos do fenômeno esportivo.

Neste caso, torna-se interessante pensar como o diretor, no início da década de 1980, olha para o início do século XX e reproduz este olhar através de um filme (Carruagens de Fogo). Pensar ainda, que assim como o diretor, nós também olhamos para este tempo, porém através de seu olhar e aproximadamente trinta anos depois da produção do filme, encontrando nele algumas inquietações, as quais tentamos abranger com este trabalho.

Acreditando que o esporte é influenciado pela sociedade, ao trazer consigo símbolos e significados desta, cremos também que o contrário seja verdadeiro e que a sociedade também seja influenciada pelo esporte. Sendo assim, nos parece que o diretor quis mostrar que sob o nome de Carruagens de Fogo, estes atletas carregaram consigo, embora vivendo no mesmo período, “bagagens” diferentes. “Bagagens” que podem ser encaradas como os diferentes caracteres assumidos por eles diante e através do esporte, construídos mediante suas origens e as influências de uma sociedade em constantes transformações. Logo, foram veículos de novos símbolos e significados para o fenômeno esportivo e para a sociedade, bem como de novas inquietações e discussões acerca do assunto, preconizando, talvez, características de um esporte contemporâneo.

Por fim, podemos dizer que o esporte marca a sociedade de maneira diversa e a suposta ausência neste de valores tradicionais, religiosos, culturais e sociais (defendida nos discursos acerca do esporte, que diferem da realidade) é a condição do homem esportivo, que será regido por uma nova moral de valores, específica do sistema esportivo (idéia do mundo do esporte como à parte do mundo real). Porém, o questionamento que nos fica é: qual seria esta moral?

Referências Bibliográficas

A Revolta do Dândis. Engenheiros do Hawaii. **Acústico MTV – Engenheiros do Hawaii**. Faixa 17, ASIN: 602498219959 Universal Music. 2004. 1 CD-ROM.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALMEIDA, Milton José de. **Cinema Arte da Memória**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

_____. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção questões da nossa época; v. 32).

ANJOS, José Luiz dos. O “popular” no futebol do interior de São Paulo. **Revista Conexões: educação, esporte, lazer**. Campinas, v. 2, n. 2, p. 60 -74, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da história** ou O ofício do historiador. Prefácio, Jacques Lê Goff, apresentação à edição brasileira Lilia Mortiz Schwarcz; tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser esportivo? BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero Limitada, 1983.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. (Coleção educação física).

CARRUAGENS de Fogo. Direção de Hugh Hudson. Fox Home Entertainment do Brasil, 1981. 123 min., color, legendado. (Tradução de: Chariots of Fire - DVD. Drama).

COUBERTIN, Pierre de. **Las bases filosoficas del olimpismo moderno**. [S.l.]: [s.n.], 1935.

DANAIOLOF, Kátia. **Corpos e cidades: lugares da educação**. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

DUNNING, Eric.; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução, Ruy Jungmann; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 2v.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. (Coleção educação física).

_____. Jogos olímpicos e desafios: Carruagens de fogo. MELO, Victor Andrade de; PERES, Fábio de Faria (orgs.). **O esporte vai ao cinema**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005. p. 65-73.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Impérios**: Eurpoa - 1975-1914. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica Maria Célia Paoli. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **A Era das Revoluções**: Europa – 1789 – 1848. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOUAISS, Antônio.; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C LTDA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. 4.ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1993.

LANGLADE, Alberto.; LANGLADE, Nelly R. de. **Teoria general de la gimnasia**. Buenos Aires: Stadium, 1970.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001. (Coleção educação física e esportes).

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva**: o turfe e remo no Rio de Janeiro (1849-1903). 178 f. Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999.

_____. **História da educação física e do esporte no Brasil**: panorama e perspectivas. 2.ed. São Paulo: IBRASA, 1999.

Outras Freqüências. Engenheiros do Hawaii. **Acústico MTV – Engenheiros do Hawaii**. Faixa 15, ASIN: 602498219959 Universal Music. 2004. 1 CD-ROM.

PILATTI, Luis Alberto. A interpretação do esporte na obra de Eric J. Hobsbawm: um olhar sobre a sociedade burguesa. **Revista Conexões**: educação, esporte, lazer. Campinas, v. 1, n. 2, p. 7-24, jun. 1999.

_____. Guttman e tipo ideal do esporte do esporte moderno. PRONI, Marcelo W.; LUCENA, Ricardo F. (Orgs.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. – (Coleção educação física e esportes) p. 63-76.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Brohm e a organização capitalista do esporte. PRONI, Marcelo W.; LUCENA, Ricardo F. (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. – (Coleção educação física e esportes) p. 31 -61.

RUBI, Craig. Cavalheirismo desportista. **Revista Educação Physica**. v. 2, n. 4, p. 47-48, 1934.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Kalina Vanderlei.; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica no século XIX**. 2.ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

_____. **Educação Física: Raízes Européias e Brasil**. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

TARKOVSKIAEI, Andreaei Arsensevich. **Esculpir o tempo**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGARELLO, Georges. **Du jeu ancien au show sportif: la naissance d'un mythe**. Paris: Éditions du Seuil, 2002, pp. 205-206.

Vinheta. O Rappa. **O silêncio que precede o esporro**. Faixa 11, ASIN: 5050466891723 Warner Music. 2003. 1 CD-ROM.